

anne' bishop  
HERDEIRA DAS  
SOMBRAS

Tradução de Cristina Correia



## JÓIAS

Branca  
Amarela  
Olho-de-Tigre  
Rosa  
Azul-celeste  
Violácea  
Opala  
Verde  
Azul-Safira  
Vermelha  
Cinzenta  
Ébano-Acinzentada  
Negra

Ao realizar a Dádiva às Trevas, uma pessoa pode descer até ao máximo de três categorias relativamente à sua Jóia de Direito por Progenitura.

Exemplo: A Branca de Direito por Progenitura pode descer até à Rosa.

## HIERARQUIA DOS SANGUE / CASTAS

### MACHOS

Plebeu — em qualquer das raças, os que não fazem parte dos Sangue macho dos Sangue — um termo geral para todos os machos dos Sangue; designa também todos os machos dos Sangue que não usam Jóias

Senhor da Guerra — macho que usa Jóias cujo estatuto é equivalente ao de feiticeira

Príncipe — macho que usa Jóias cujo estatuto é equivalente ao de Sacerdotisa ou ao de Curandeira

Príncipe dos Senhores da Guerra — macho que usa Jóias perigoso e extremamente agressivo; o respectivo estatuto encontra-se ligeiramente abaixo da Rainha

### FÊMEAS

Plebeia — em qualquer das raças, as que não fazem parte dos Sangue fêmea dos Sangue — um termo geral para todas as fêmeas dos Sangue; habitualmente designa todas as fêmeas dos Sangue que não usam Jóias

Feiticeira — fêmea dos Sangue que usa Jóias mas que não se encontra em nenhum dos outros níveis hierárquicos; designa também qualquer fêmea que use Jóias

Curandeira — feiticeira que cura ferimentos e doenças do foro físico; o seu estatuto é equivalente ao de Sacerdotisa e ao de Príncipe

Sacerdotisa — feiticeira que zela pelos altares, Santuários e Altares das Trevas; testifica juras e casamentos; realiza dádivas; de estatuto equivalente ao de Curandeira e ao de Príncipe

Viúva Negra — feiticeira que cura as mentes; tece as teias entrelaçadas de sonhos e de visões; é versada em ilusões e venenos

Rainha — feiticeira que domina os Sangue; é considerada o coração da terra e o centro moral dos Sangue; como tal, é o ponto central da sociedade

## PRÓLOGO

### Kaeleer

O Conselho das Trevas voltou a reunir-se. Andulvar Yaslana, o Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra demónio-morto, juntou as asas negras e avaliou os outros membros do Conselho, sem gostar do que via. À excepção da Magistrada, que era obrigada a assistir, eram necessários apenas dois terços dos membros em cada sessão para ouvirem as petições ou julgarem as disputas que ocorriam entre os Sangue em Kaeleer e que não tinham sido resolvidas pelas Rainhas dos Territórios. Esta noite, todas as cadeiras estavam ocupadas, excepto a que se encontrava ao lado de Andulvar.

Porém, o ocupante da cadeira também ali se encontrava, aguardando pacientemente no círculo do peticionário pela resposta do Conselho. Era um homem moreno, de olhos dourados, com um espesso e longo cabelo negro, já grisalho nas têmporas. Ao vê-lo a amparar-se na elegante bengala de ponta prateada, poder-se-ia pensar que era um belo macho dos Sangue no final do seu apogeu. As longas unhas, tingidas a negro, e o anel com uma Jóia Negra na mão direita afirmavam o contrário.

A Primeira Tribuna pigarreou baixinho. — Príncipe Saetan Daemon SaDiablo, apresentais-vos neste Conselho para solicitar a tutela da criança Jaenelle Angelline. Ao contrário do que é consuetudinário numa disputa dos Sangue, não nos fornecestes as informações necessárias para contactar a família da rapariga para que pudessem aqui falar de sua justiça.

— Não têm qualquer pretensão em relação à criança — foi a serena resposta. — Eu tenho.

— Temos tão-somente a vossa palavra a esse respeito, Senhor Supremo.

*Tolas*, pensou Andulvar, observando o movimento quase imperceptível do peito de Saetan.

A Primeira Tribuna prosseguiu. — O aspecto mais inquietante desta petição é o facto de serdes um Guardiã, um dos mortos vivos, e, ainda assim, quereis que coloquemos o bem-estar de uma criança viva nas vossas mãos.

— Não é uma criança qualquer, Tribuna. É *esta* criança.

A Primeira Tribuna mudou de posição na cadeira, aparentando desconforto. Varreu com os olhos os assentos dispostos em degraus em ambos os lados da ampla sala. — Devido às... circunstâncias... insólitas, a decisão terá de ser unânime. Compreendeis?

— Compreendo, Tribuna. Compreendo muito bem.

A Primeira Tribuna voltou a pigarrear. — Procederemos de imediato à votação relativa à petição de Saetan Daemon SaDiablo solicitando a tutela da criança Jaenelle Angelline. Quem vota contra?

Levantaram-se algumas mãos e Andulvar estremeceu perante o olhar estranho e vítreo nos olhos de Saetan.

Após a contagem das mãos, ninguém falou, ninguém se moveu.

— Repeti a votação — disse Saetan, com uma afabilidade exagerada.

Não obtendo resposta da Primeira Tribuna, a Segunda Tribuna tocou-lhe no braço. Em segundos, nada restava na cadeira da Primeira Tribuna a não ser uma montinho de cinza e uma toga em seda preta.

*Mãe Noite*, pensou Andulvar ao ver a desintegração de corpo após corpo das que se opuseram. *Mãe Noite*.

— Repeti a votação — proferiu Saetan, com uma delicadeza exagerada.

Foi unânime.

A Segunda Tribuna massajou o coração com as mãos. — Príncipe Saetan Daemon SaDiablo, o Conselho aqui reunido outorga-vos todos os direitos paternais...

— Parentais. Todos os direitos *parentais*.

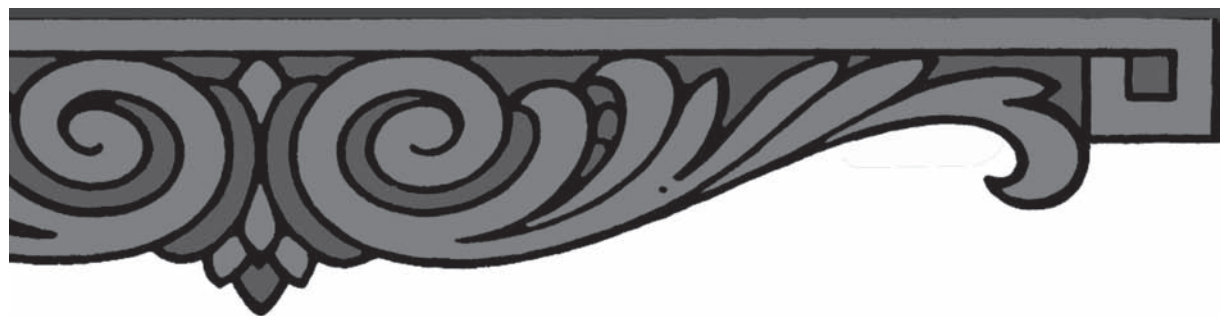
— ...todos os direitos parentais relativos à criança Jaenelle Angelline, com início neste momento e até alcançar a maioridade ao completar vinte anos.

Logo que Saetan fez uma vénia à Magistrada e iniciou a longa caminhada pela sala, Andulvar levantou-se e abriu as enormes portas duplas ao fundo do hemiciclo do Conselho. Suspirou de alívio quando Saetan, apoiando-se com esforço na bengala de ponta prateada, passou por ele devagar.

Não tinha acabado por ali, pensou Andulvar ao fechar as portas e seguir Saetan. Da próxima vez, o Conselho seria mais subtil na oposição ao Senhor Supremo, mas *iria* haver uma próxima vez.

Quando, por fim, saíram para o ar fresco da noite, Andulvar voltou-se para o seu amigo de longa data. — Ora bem, agora é tua.

Saetan levantou o rosto para o céu nocturno e fechou os olhos dourados. — Sim, é minha.



## CAPÍTULO UM

### 1 / Terreille

Rodeado por guardas, Lucivar Yaslana, o Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra mestiço, dirigiu-se ao pátio, convicto de que iria ouvir a ordem para a sua própria execução. Não havia qualquer outra razão para que um escravo das minas de sal fosse trazido a este lugar e Zuultah, a Rainha de Pruul, tinha fortes argumentos para o querer ver morto. Prythian, a Sacerdotisa Suprema de Askavi, queria mantê-lo vivo, na esperança de ainda o conseguir tornar num reprodutor. Mas não era Prythian que estava no pátio junto a Zuultah.

Era Dorothea SaDiablo, a Sacerdotisa Suprema de Hayll.

Lucivar abriu as asas negras e com membranas em toda a sua envergadura, tirando partido da brisa do deserto para as secar.

A Senhora Zuultah olhou de relance para o Guarda-Mor. Logo de seguida, o chicote do Guarda-Mor assobiava pelo ar, penetrando profundamente nas costas de Lucivar.

Lucivar silvou por entre os dentes cerrados e fechou as asas.

— Qualquer outro acto de provocação valer-te-á cinquenta chicotadas — disse Zuultah rispidamente. De seguida, virou-se para conferenciar com Dorothea SaDiablo.

Qual seria o jogo? Perguntou-se Lucivar. O que teria trazido Dorothea para fora do seu covil em Hayll? E quem seria o irritado Príncipe de Jóia Verde que estava afastado das mulheres, segurando um quadrado de tecido dobrado?

Enviando cautelosamente uma sonda psíquica, Lucivar detectou todos os odores emocionais. Proveniente de Zuultah, havia excitação e a maldade subjacente habitual. Proveniente de Dorothea, a sensação de premência e medo. Sob a raiva do Príncipe desconhecido existia sofrimento e culpa.

O medo de Dorothea era o mais interessante visto que significava que Daemon Sadi ainda não tinha sido novamente capturado.

Um sorriso cruel e satisfeito curvou os lábios de Lucivar.

Reparando no sorriso, o Príncipe de Jóia Verde tornou-se agressivo. — Estamos a perder tempo — disse bruscamente, dando um passo na direcção de Lucivar.

Dorothea girou sobre si própria. — Príncipe Alexander, estes assuntos têm de ser tr...

Philip Alexander abriu o tecido, segurando em duas pontas ao abrir os braços.

Lucivar olhou espantado para o lençol manchado. Tanto sangue. Demasiado sangue. O sangue era o rio que corria – e o fio psíquico. Se enviasse uma sonda psíquica e tocasse aquela mancha...

Bem fundo no seu interior, algo se aquietou e se tornou frágil.

Lucivar forçou-se para retribuir o olhar fixo e hostil de Philip Alexander.

— Há uma semana, Daemon Sadi raptou a minha sobrinha de doze anos, levando-a para o Altar de Cassandra, onde a violou e esquartejou. — Philip moveu os pulsos, fazendo com que o lençol ondulasse.

Lucivar engoliu com dificuldade, tentando manter o estômago no seu devido lugar. Abanou a cabeça lentamente. — Não poderia tê-la violado — disse, mais para si próprio do que para Philip. — Não consegue... Nunca teve a capacidade de desempenhar nessa área.

— Talvez anteriormente não houvesse sangue suficiente — ripostou Philip. — Este sangue é de Jaenelle e o Sadi foi reconhecido pelos Senhores da Guerra que a tentaram socorrer.

Lucivar virou-se relutantemente para Dorothea. — Tendes a certeza?

— Fui informada – infelizmente, tarde demais – que Sadi tinha desenvolvido um interesse anormal pela criança. — Dorothea encolheu os ombros ligeiramente e com elegância. — Talvez se tenha sentido ofendido quando ela tentou esquivar-se. Sabes tão bem quanto eu do que é capaz quando está enfurecido.

— Encontraram o corpo?

Dorothea hesitou. — Não. Isto é tudo o que os Senhores da Guerra encontraram. — Indicou o lençol. — Mas não te fies nas minhas palavras. Vamos ver se mesmo tu consegues aguentar o que aquele sangue encerra.

Lucivar respirou fundo. A cabra estava a mentir. *Tinha* de estar a mentir. Porque, doces Trevas, se assim não fosse...

*Tinham* oferecido a liberdade a Daemon se assassinasse Jaenelle. Recusou a oferta – ou assim tinha dito. E se *não* tivesse recusado?

Um momento após ter aberto a mente e tocado no lençol manchado de sangue, Lucivar estava de joelhos, a vomitar o parco pequeno-almoço



que tomara há uma hora, tremendo ao mesmo tempo que algo no seu mais profundo interior se quebrava.

Maldito Sadi. Maldita seja a alma do bastardo nas entranhas do Inferno. Era uma *criança!* O que poderia ter feito para merecer tal? Era a Feiticeira, o mito vivo. Era a Rainha a quem tinham sonhado servir. Era a sua Gatinha assanhada. *Maldito sejas, Sadi!*

Os guardas levantaram Lucivar.

— Onde está ele? — questionou Philip Alexander.

Lucivar fechou os olhos dourados para não ter de olhar para o lençol. Nunca se tinha sentido tão abatido, tão exausto. Nem quando era um rapaz mestiço nos campos de caça eyrienos, nem nas intermináveis cortes onde, desde então, tinha servido ao longo dos séculos, nem mesmo aqui em Pruul como um dos escravos de Zuultah.

— Onde está ele? — Philip voltou a questionar.

Lucivar abriu os olhos. — Como é que, em nome do Inferno, hei-de eu saber?

— Quando os Senhores da Guerra lhe perderam o rasto, Sadi dirigia-se para sudeste – em direcção a Pruul. É sabido...

— Não viria aqui. — Aquilo que se quebrara no seu mais profundo interior começou a inflamar-se. — Não se atreveria a vir aqui.

Dorothea SaDiablo dirigiu-se a Lucivar. — Porque não? Entreajudaram-se no passado. Não há qualquer razão...

— Existe uma razão — disse Lucivar ferozmente. — Se voltar a ver aquele bastardo insensível, arrancar-lhe-ei o coração!

Dorothea recuou, abalada. Zuultah observava-o circunspectamente.

Philip Alexander baixou os braços devagar. — Foi declarado potencialmente perigoso. A sua cabeça está a prémio. Quando for encontrado...

— Será castigado em conformidade — interrompeu Dorothea.

— Será executado! — respondeu Philip acaloradamente.

Seguiu-se um momento de silêncio pesado.

— Príncipe Alexander — ronronou Dorothea, — até os habitantes de Chaillot deveriam saber que, entre os Sangue, não existe qualquer lei que proíba o homicídio. Se não possuíste o bom senso suficiente para evitar que uma criança emocionalmente perturbada brincasse com um Príncipe dos Senhores da Guerra da índole de Sadi... — Encolheu os ombros delicadamente. — Talvez a criança tenha tido o que merecia.

Philip empalideceu. — Era uma boa menina — disse, mas a voz estremeceu com uma insinuação de dúvida.

— Sim — ronronou Dorothea. — Uma boa menina. Tão boa que a família tinha de a afastar frequentemente para que fosse... reeducada.

Criança emocionalmente perturbada. As palavras eram um fole que

atiçava o fogo em Lucivar transformando-o em raiva gélida. Criança emocionalmente perturbada. *Fica longe de mim, Bastardolas. É melhor que te mantenhas longe de mim pois se a oportunidade surgir, trincho-te em pedacinhos.*

A dada altura, Zuultah, Dorothea e Philip retiraram-se para prosseguir a discussão nos recantos mais frescos da casa de Zuultah. Lucivar não reparou. Quase nem se deu conta de ser levado para as minas de sal, mal se apercebeu da picareta nas mãos, quase nem sentiu a dor quando o suor escorreu para a nova ferida de chicote nas costas.

Tudo o que via era o lençol manchado de sangue.

Lucivar bateu com a picareta.

Mentiroso.

Não via a parede nem o sal. Via o peito moreno e dourado de Daemon, via o coração a bater sob a pele.

Mentiroso... educado na corte... melífluo!

## 2 / Inferno

Andulvar sentou-se de enviesado num dos cantos da grande secretária em madeira escura.

Saetan levantou os olhos da carta que estava a escrever. — Julguei que ias regressar à tua casa alcantilada.

— Mudei de ideias. — O olhar de Andulvar vagueou pelo gabinete privado, detendo-se, por fim, no retrato de Cassandra, a Rainha de Jóia Negra que caminhara nos Reinos há mais de 50.000 anos. Há cinco anos, Saetan descobriu que Cassandra tinha forjado a derradeira morte e que se tinha tornado uma Guardiã para poder aguardar a Feiticeira que se seguisse.

E vejam só o que tinha acontecido à Feiticeira seguinte, pensou Andulvar desanimado. Jaenelle Angelline era uma criança poderosa e extraordinária, mas, ainda assim, tão vulnerável como qualquer outra criança. Todo aquele poder não tinha impedido que fosse esmagada por segredos de família sobre os quais tanto Andulvar como Saetan podiam apenas conjecturar, e pelos esquemas maldosos de Dorothea e de Hekatah com o objectivo de eliminar a única rival que poderia pôr um fim ao jugo que exerciam no Reino de Terreille. Estava certo de que eram elas que estavam por detrás da brutalidade que tinha levado a que o espírito de Jaenelle abandonasse o seu corpo.

Demasiado tarde para evitar o estupro, uma amiga conseguiu resgatar Jaenelle dos seus aniquiladores, levando-a para o Altar de Cassandra. Foi aí que Daemon Sadi, auxiliado por Saetan, conseguiu fazer com que

a rapariga saísse do abismo psíquico pelo tempo suficiente para curar os próprios ferimentos físicos. Contudo, quando os Senhores da Guerra de Chaillot chegaram para a “salvar”, entrou em pânico, fugindo novamente para o abismo.

O seu corpo estava a recuperar lentamente, mas só as Trevas sabiam onde se encontrava o seu espírito – ou se alguma vez regressaria.

Afastando tais pensamentos, Andulvar olhou para Saetan, respirou fundo e encheu as bochechas de ar, deixando-o sair devagar. — É a tua carta de exoneração do Conselho das Trevas?

— Já o devia ter feito há muito.

— Sempre insististe que era bom ter alguns dos demónios-mortos ao serviço do Conselho visto que possuíam experiência, mas não tinham qualquer interesse pessoal nas decisões.

— Bem, o meu interesse nas decisões do Conselho é bastante pessoal agora, não é? — Depois de assinar o nome com o floreado habitual, Saetan colocou a carta num envelope, selando-o com cera preta. — Entregas a carta por mim, por favor?

Andulvar recebeu o envelope com relutância. — E se o Conselho das Trevas decidir procurar a família dela?

Saetan recostou-se na cadeira. — O Conselho das Trevas não se reúne em Terreille desde a última guerra entre os Reinos. Não existe qualquer razão para o Conselho de Kaeleer procurar para além do Reino das Sombras.

— Se verificarem os registos de Ebon Askavi, descobrirão que não é oriunda de Kaeleer.

— Sendo o bibliotecário da Fortaleza, Geoffrey já concordou em não encontrar qualquer entrada de grande utilidade que possa levar a Chaillot. Além do mais, Jaenelle nunca foi registada – e não o será até existir uma razão para incluir uma entrada a ela dedicada.

— Ficarás na Fortaleza?

— Sim

— Durante quanto tempo?

Saetan hesitou. — O tempo que for preciso. — Ao ver que Andulvar não tomava a iniciativa de sair, perguntou:

— Mais alguma coisa?

Andulvar fixou os olhos na elegante caligrafia masculina na frente do envelope. — Está um demónio na sala de recepções lá em cima que solicitou uma audiência contigo. Diz que é importante.

Saetan desviou a cadeira da secretária e alcançou a bengala.

— Todos dizem isso – quando têm a coragem suficiente para aqui vir. Quem é ele?

— Nunca o vi antes — disse Andulvar. De seguida, acrescentou com relutância:

— É novo no Reino das Trevas e é de Hayll.

Saetan claudicou à volta da secretária. — O que pretenderá, então, de mim? Há setecentos anos que não tenho nada a ver com Hayll.

— Não quis revelar a razão pela qual te quer falar. — Andulvar fez uma pausa. — Não gosto dele.

— É claro — retrucou Saetan friamente. — É haylliano.

Andulvar abanou a cabeça. — É mais do que isso. Parece estar a apodrecer.

Saetan ficou imóvel. — Nesse caso, vamos lá falar com o nosso Irmão haylliano — disse com uma docilidade maldosa.

Andulvar não conseguiu reprimir o arrepio que o percorreu de alto a baixo. Felizmente, Saetan já se estava a dirigir à porta e não reparou. Eram amigos há milhares de anos, tinham servido juntos, rido juntos, sofrido juntos. Não queria ofender o homem pois, por vezes, até um amigo receava o Senhor Supremo do Inferno.

Porém, quando Saetan abriu a porta e olhou para ele, Andulvar vislumbrou nos seus olhos o faiscar de raiva em reconhecimento do arrepio. E o Senhor Supremo saiu do gabinete ao encontro do tolo que o aguardava.

O Senhor da Guerra haylliano recentemente demónio-morto estava em pé no centro da sala de recepções, com as mãos atrás das costas. Estava todo vestido de preto, incluindo um lenço em seda preta enrolado à volta do pescoço.

— Senhor Supremo — disse, fazendo uma vénia respeitosa.

— Não conheces sequer as delicadezas mais básicas quando te aproximas de um Senhor da Guerra desconhecido? — perguntou Saetan calmamente.

— Senhor Supremo? — balbuciou o homem.

— Um homem não oculta as mãos, a menos que esconda uma arma — disse Andulvar ao entrar na sala. Abriu as asas negras, bloqueando a porta por completo.

Como um relâmpago, a fúria surgiu no rosto do Senhor da Guerra para logo desaparecer. Estendeu os braços à sua frente. — As minhas mãos não têm grande utilidade.

Saetan olhou de relance para as mãos cobertas por luvas pretas. A direita estava transformada numa garra distorcida. Na esquerda, faltava um dedo. — O teu nome?

O Senhor da Guerra hesitou por um momento demasiado longo. — Greer, Senhor Supremo.

Até o nome do homem conspurcava, de alguma forma, o ar. Não, não era apenas o homem, embora o fedor a carne em putrefacção levasse algumas semanas a desaparecer. Algo mais. O olhar de Saetan deslocou-se para o lenço em seda preta. As suas narinas dilataram-se ao sentir o odor do qual se recordava com demasiada clareza. Ora bem. Hekatah ainda apreciava aquele perfume em particular.

— O que pretendes, Senhor Greer? — perguntou Saetan, pese embora tivesse a certeza de conhecer a razão pela qual Hekatah enviaria alguém para o ver. Esforçou-se por ocultar a raiva gélida que ardia no seu interior.

Greer fitou o chão. — Eu... gostaria de saber se tendes notícias da jovem feiticeira.

A sala ficou tão agradavelmente gelada, tão encantadoramente obscurificada. Um único pensamento, um simples movimento com a mente, um leve toque da força da Jóia Negra e não restaria o suficiente daquele Senhor da Guerra nem mesmo para se tornar num murmúrio das Trevas.

— Eu governo o Inferno, Greer — afirmou Saetan com demasiada delicadeza. — Por que razão me deveria preocupar com uma feiticeira haylliana, jovem ou não?

— Não era de Hayll. — Greer hesitou. — Julguei que fosse vossa amiga.

Saetan ergueu uma sobrancelha. — Minha?

Greer humedeceu os lábios. As palavras saíram a uma grande velocidade. — Fui destacado para a embaixada haylliana em Beldon Mor, a capital de Chaillot, tendo o privilégio de conhecer Jaenelle. Quando os problemas começaram, traí a confiança da Sacerdotisa Suprema de Hayll e ajudei Daemon Sadi a levar a rapariga para um local seguro. — A mão esquerda remexia no lenço à volta do pescoço, retirando-o por fim. — Esta foi a minha recompensa.

*Canalha mentiroso*, pensou Saetan. Se não tivesse intenções de utilizar esta carcaça andante, teria rompido pela mente de Greer e descoberto qual o papel que o homem *realmente* desempenhara.

— Conheci a rapariga — rosou Saetan ao caminhar em direcção à porta.

Greer deu um passo em frente. — Conhecestes? Está...

Saetan girou sobre si mesmo. — Caminha entre as *cildru dyathe!*

Greer fez uma vénia com a cabeça. — Que as Trevas sejam misericórdias.

— Sai. — Saetan desviou-se, não desejando ser conspurcado pelo contacto com o homem.

Andulvar fechou as asas e acompanhou Greer para fora do Paço. Regressou alguns minutos mais tarde, parecendo preocupado. Saetan

olhou-o fixamente, já não se importando se os seus olhos deixavam transparecer raiva e ódio.

Andulvar colocou-se numa posição eyriena de combate, com os pés afastados para se equilibrar e as asas ligeiramente abertas. — Sabes que essa afirmação irá espalhar-se pelo Inferno mais rápido do que o cheiro a sangue fresco.

Saetan agarrou a bengala com ambas as mãos. — Estou-me a borrifar a quem mais é que ele vai dizer desde que o diga à cabra que o mandou aqui.

— Ele disse isso? Disse mesmo isso?

Afundado na única cadeira da sala, Greer acenou penosamente em sinal afirmativo.

Hekatah, a autoproclamada Sacerdotisa Suprema do Inferno, ziguezagueava pela sala, com o longo cabelo negro a esvoaçar ao virar-se.

Era ainda melhor do que a destruição, pura e simples, da criança. Agora, com a mente destroçada e o corpo despedaçado e sem vida, a rapariga representaria uma faca invisível nas costelas de Saetan, sempre a retorcer-se e a retorcer-se, uma lembrança constante de que não era o único poder a enfrentar.

Hekatah parou de andar às voltas, inclinou a cabeça para trás e levantou os braços em sinal de triunfo. — Caminha entre as *cildru dyathe!* — Deixando-se cair com graciosidade no chão, encostou-se a um braço da cadeira de Greer e afagou-lhe suavemente a face. — E tu, meu querido, foste o responsável. Agora já não tem qualquer utilidade para ele.

— A rapariga também já não tem qualquer utilidade para vós, Sacerdotisa.

Hekatah fez um beicinho provocante, com os olhos dourados a cintilar de malícia. — Já não tem utilidade para os meus planos originais, mas será uma magnífica arma contra aquele filho da puta.

Ao reparar na expressão vazia de Greer, Hekatah levantou-se, sacudindo a poeira do vestido ao mesmo tempo que emitia um *tch* de irritação. — O teu corpo está morto mas a mente não. Tenta pensar, meu querido Greer. Quem mais estava interessado na criança?

Greer levantou-se e, lentamente, surgiu um sorriso. — Daemon Sadi.

— Daemon Sadi — concordou Hekatah presunçosamente. — Quão satisfeito ficará ao descobrir que a sua queridinha está tão completamente morta? E a quem achas que culpará, com uma ajudinha, pela sua partida do reino dos vivos? Pensa só como será divertido instigar o filho contra o pai. E se se destruírem mutuamente... — Hekatah abriu amplamente os braços, — o Inferno fragmentar-se-á uma vez mais e aqueles que sempre

recearam desafiá-lo reunir-se-ão à minha volta. Com a ajuda da força dos demónios-mortos, Terreille irá, finalmente, ajoelhar-se perante mim como a Sacerdotisa Suprema, como poderia ter acontecido há tantos e tantos séculos atrás se aquele cabrão não tivesse frustrado as minhas ambições.

Olhou à volta da pequena sala, praticamente vazia, com repugnância. — Logo que desapareça, habitarei novamente na sumptuosidade que me é devida. E tu, meu leal querido, servirás a meu lado.

— Vem — chamou, guiando-o para outra pequena divisão. — Compreendo que a morte do corpo seja um choque...

Greer olhou admirado para o rapaz e para a rapariga que se encolhiam de medo num monte de feno.

— Somos demónios, Greer — afirmou Hekatah, afagando-lhe o braço. — Precisamos de sangue fresco e quente. Desta forma, conseguiremos fortalecer a carne morta. E, embora outros prazeres carnais não sejam realizáveis, existem compensações.

Greer respirava rapidamente, como se necessitasse de ar.

— Uma linda rapariguinha, não achas, Greer? Ao primeiro toque psíquico a sua mente será reduzida a cinzas quentes, mas as emoções primárias permanecerão... pelo tempo suficiente... e o medo é uma ceia deliciosa.

### 3 / Terreille

*És o meu instrumento.*

Daemon Sadi dava voltas na pequena cama que tinha sido preparada numa das arrecadações por baixo da casa da Lua Vermelha de Deje.

*...és o meu instrumento...* a viajar nos Ventos para o Altar de Cassandra... Surreal já ali está, a chorar... Cassandra presente, zangada... tanto sangue... as mãos cobertas com o sangue de Jaenelle... a descer até ao abismo... a cair, a gritar... uma criança que não é criança... uma cama estreita com correias para atar mãos e pés... uma cama faustosa com lençóis de seda... a pedra gelada do Altar das Trevas... velas negras...velas perfumadas... os gritos de uma criança... a língua a lamber um ínfimo chifre em espiral... o seu corpo a imobilizar o dela contra a pedra gelada ao mesmo tempo que ela lutava e gritava... a implorar-lhe para que o perdoasse... mas o que tinha ele feito?... uma juba loura... os dedos a percorrerem uma cauda de corça... uma cama estreita com lençóis de seda... uma cama faustosa com correias... *perdoa-me, perdoa-me...* o seu corpo a prender o dela... o que tinha ele feito?... a cólera de Cassandra a atravessá-lo... estaria a salvo?... estaria bem?... uma cama de pedra faustosa... lençóis de seda com correias... os gritos de uma criança... tanto sangue...



*és o meu instrumento... perdoa-me, perdoa-me...* O QUE TINHA ELE FEITO?

Surreal encostou-se à parede, ouvindo os soluços abafados de Daemon. Quem diria que o Sádico era tão vulnerável? Tanto ela como Deje tinham conhecimentos básicos de Arte medicinal suficientes para lhe curar o corpo, mas nenhuma das duas sabia como reparar as feridas mentais e emocionais. Ao invés de se estar a fortalecer, estava a ficar cada vez mais fragilizado, mais vulnerável.

Nos primeiros dias depois de o ter trazido para este lugar, Daemon perguntava constantemente o que tinha sucedido. Mas Surreal apenas lhe podia relatar aquilo que sabia.

Com a ajuda da rapariga demónia-morta chamada Rose, entrara em Briarwood, matara o Senhor da Guerra que violou Jaenelle e, depois, levava Jaenelle para o Santuário que era o Altar de Cassandra. Daemon juntou-se a elas no Santuário. Cassandra também se encontrava presente. Daemon ordenou que se retirassem da sala do Altar para tentar recuperar o Eu de Jaenelle de volta ao corpo, necessitando para isso de privacidade. Surreal usou esse tempo para colocar armadilhas dirigidas à 'equipa de salvamento' de Briarwood. À chegada dos machos, tentou detê-los enquanto pôde. Quando se retirou para a sala do Altar, já Cassandra e Jaenelle tinham desaparecido e Daemon mal se conseguia aguentar em pé. Tinham então viajado pelos Ventos de volta a Beldon Mor, tendo passado as últimas três semanas escondidos na casa da Lua Vermelha de Deje.

Era tudo o que lhe podia relatar. Não era o que Daemon precisava de ouvir. Não lhe podia dizer que salvara Jaenelle. Não lhe podia dizer que a rapariga estava a salvo e bem de saúde. E parecia que, quanto mais se debatia para se lembrar, mais fragmentadas ficavam as suas memórias. Todavia, possuía ainda a força das Jóias Negras, possuía ainda a capacidade para libertar todo aquele poder negro. Se perdesse aquela débil ligação ao equilíbrio mental...

Surreal virou-se ao ouvir o ruído de passadas furtivas nas escadas no final do corredor sombrio. Os soluços por detrás da porta fechada cessaram.

Com movimentos velozes e silenciosos, Surreal encurralou a mulher no final das escadas. — O que queres, Deje?

Os pratos no tabuleiro que a mulher carregava tilintaram ao mesmo tempo que o corpo da mulher tremia. — Eu... pensei... — Ergueu o tabuleiro como explicação. — Sanduíches. Chá. Eu...

Surreal franziu o sobrolho. Por que razão estaria Deje a olhar fixamente para os seus seios? Não era o olhar de uma matrona eficiente a



avaliar uma das raparigas. E por que razão estaria ela a tremer daquela forma?

Surreal olhou para baixo. A mão cerrada segurava o seu punhal favorito, com a ponta pousada na Jóia Cinzenta que pendia da corrente de ouro por cima dos seus seios. Não se tinha apercebido de ter invocado o punhal ou de ter invocado a Cinzenta. Ficara aborrecida pela intromissão, mas...

Surreal fez desaparecer o punhal e ajeitou a blusa de maneira a esconder a Jóia e retirou o tabuleiro das mãos de Deje. — Desculpa. Estou um pouco tensa.

— A Cinzenta — murmurou Deje. — Tu usas a Cinzenta.

Surreal ficou tensa. — Mas não quando estou a trabalhar numa casa da Lua Vermelha.

Deje pareceu não ouvir. — Não sabia que eras assim tão forte.

Surreal passou o peso do tabuleiro para a mão esquerda e deixou cair a mão direita, descontraidamente, enrolando os dedos à volta do peso reconfortante do punhal. Se tivesse de ser feito, seria de forma rápida e perfeita. Deje merecia.

Observou o rosto de Deje enquanto reorganizava mentalmente os excertos de informações de que tinha conhecimento relativos a uma prostituta chamada Surreal, que era, em simultâneo, uma assassina. Por fim, quando Deje olhou para ela, os seus olhos evidenciavam respeito e satisfação obscura.

Depois, Deje olhou para o tabuleiro e franziu o sobrolho. — O melhor é usar um feitiço de aquecimento nesse chá ou não estará próprio para consumo.

— Eu encarrego-me disso — disse Surreal.

Deje começou a subir as escadas.

— Deje — disse Surreal baixinho. — Eu pago as minhas dívidas.

Deje sorriu perspicazmente e acenou com a cabeça, indicando o tabuleiro. — Tenta fazer com que coma. Tem de recuperar as forças.

Surreal aguardou até ouvir a porta fechar-se ao cimo das escadas antes de regressar à arrecadação que albergava, talvez agora mais do que nunca, o Príncipe dos Senhores da Guerra mais perigoso do Reino.

Mais tarde nessa noite, Surreal abriu a porta da arrecadação sem bater, detendo-se de imediato. — Em nome do Inferno, o que é que estás a fazer?

Daemon ergueu os olhos por um breve instante antes de atar o outro sapato. — Estou a vestir-me. — A sua voz profunda e culta denotava um toque mais enrouquecido do que o habitual.

— Enlouqueceste? — Surreal mordiscou o lábio, arrependendo-se por ter mencionado aquela palavra.

— É provável. — Daemon abotoou os botões de punho em rubi na camisa de seda branca. — Tenho de descobrir o que aconteceu, Surreal. Tenho de *a* encontrar.

Exasperada, Surreal passou os dedos pelo cabelo. — Não podes sair a meio da noite. Além disso, lá fora está um frio de rachar.

— A meio da noite é a melhor altura, não achas? — contrapôs Daemon demasiadamente calmo, enfiando o casaco preto.

— Não, não acho. Aguarda, pelo menos, pelo amanhecer.

— Sou haylliano. Aqui é Chaillot. Daria um pouco nas vistas à luz do dia. — Daemon olhou ao redor do pequeno quarto vazio, encolheu os ombros com indiferença e retirou um pente do bolso do casaco, passando-o pelo espesso cabelo negro. Quando terminou, enfiou as mãos elegantes e com unhas compridas nos bolsos das calças e ergueu o sobrolho como se perguntasse, E então?

Surreal examinou o corpo alto, elegante e musculado, no fato preto perfeitamente talhado. A pele morena e dourada de Sadi apresentava estava empalidecida pelo cansaço, o rosto tinha um aspecto perturbado e a pele ao redor dos olhos dourados estava inchada. Todavia, mesmo neste momento, era mais bonito do que deveria ser permitido a um homem.

— ‘Tás feito num oito — disse bruscamente.

Daemon retraiu-se, como se a raiva de Surreal o tivesse trespassado. Tentou, de seguida, esboçar um sorriso. — Não penses que me dás a volta à cabeça com elogios, Surreal.

Surreal cerrou os punhos. A única coisa para atirar era o tabuleiro com o chá e as sanduíches. Ao ver a chávena limpa e a comida intacta, perdeu a calma. — Não comeste nada, estúpido!

— Baixa a voz, a não ser que queiras que toda a gente saiba que estou aqui.

Surreal pôs-se a andar para trás e para a frente, proferindo entre dentes todos os palavrões que conhecia.

— Não chores, Surreal.

Os braços de Daemon envolveram-na e sob a sua face sentiu a seda fresca.

— Não estou a chorar — retrucou, engolindo um soluço.

Sentiu, mais do que ouviu, o riso abafado. — O erro foi meu. — Os lábios de Daemon roçaram pelo cabelo de Surreal antes de se afastar dela.

Surreal fungou audivelmente, enxugou os olhos na manga e afastou o cabelo do rosto. — Ainda não estás suficientemente forte, Daemon.

— Só ficarei melhor quando a encontrar — disse baixinho.

— Sabes abrir os Portões? — perguntou. Aqueles treze lugares de poder que ligam os Reinos de Terreille, de Kaeleer e do Inferno.

— Não. Mas encontrarei alguém que saiba. — Daemon respirou fundo. — Ouve, Surreal, e ouve com atenção. Em todo o Reino de Terreille são poucas as pessoas que te podem ligar, de alguma forma, a mim. Esforcei-me para que assim fosse. Assim sendo, e a menos que te ponhas a anunciá-lo do telhado, ninguém em Beldon Mor terá razões para olhar na tua direcção. Mantém-te discreta. Controla esse mau génio. Fizeste mais do que o suficiente. Não te enredes mais – pois eu não estarei por perto para te ajudar.

Surreal engoliu com dificuldade. — Daemon... foste declarado potencialmente perigoso. Há um prémio pela tua cabeça.

— Nada que não fosse previsível depois de ter partido o Anel de Obediência.

Surreal hesitou. — Tens a certeza que Cassandra levou Jaenelle para um dos outros Reinos?

— Sim, disso tenho a certeza — disse, com ternura e tristeza.

— Vais então encontrar uma Sacerdotisa que saiba abrir os Portões e segui-las.

— Sim. Mas primeiro tenho de fazer uma paragem.

— Não é a altura indicada para visitas sociais — afirmou Surreal causticamente.

— Não é bem uma visita social. Dorothea não te poderá usar contra mim visto que não tem conhecimento da tua existência. Mas tem conhecimento dele e já o usou anteriormente. Não lhe irei dar essa oportunidade. De resto, independentemente de toda a arrogância e mau feitio, é um raio de um excelente Príncipe dos Senhores da Guerra.

Cansada, Surreal encostou-se à parede. — O que vais fazer?

Daemon hesitou. — Vou tirar Lucivar de Pruul.

#### 4 / Kaeleer

Saetan surgiu na pequena teia de desembarque entalhada no chão em pedra de um dos vários pátios exteriores da Fortaleza. Ao desembarcar da teia, olhou para cima.

A não ser que se soubesse o que procurar, observava-se apenas a montanha negra de Ebon Askavi, sentia-se unicamente o peso de toda aquela pedra escura. Mas Ebon Askavi era também a Fortaleza, o Santuário da Feiticeira, o arquivo da extensa história dos Sangue. Um local fortemente guardado. O local ideal para um segredo.

*Maldita Hekatah*, pensava amargamente ao atravessar o pátio devagar, com a preciosa ajuda da bengala. *Maldita seja, bem como aos seus esquemas pelo poder. Cabra gananciosa e rancorosa.* No passado, e por achar que esta-

va em dívida para com ela por lhe ter carregado os dois primeiros filhos no ventre, tinha-se impedido a si próprio de intervir. Mas essa dívida já estava paga. Mais do que paga. Agora, sacrificaria a honra, o respeito por si próprio e o que fosse necessário se esse fosse o preço a pagar para a deter.

— Saetan.

Geoffrey, o historiador/bibliotecário da Fortaleza, saiu da sombra da entrada. Como sempre, estava impecavelmente vestido com uma túnica e umas calças pretas e elegantes, sem acessórios à excepção do anel com a Jóia Vermelha. Como sempre, o cabelo estava cuidadosamente penteado para trás, chamando a atenção para a crista de viúva saliente. Porém, os seus olhos negros pareciam pequenos pedaços de carvão em vez de pedras bem polidas.

Enquanto Saetan caminhava na sua direcção, a linha vertical entre as sobranceiras negras de Geoffrey acentuou-se. — Vinde até à biblioteca e tomai um copo de yarbarah comigo — disse Geoffrey.

Saetan abanou a cabeça. — Talvez mais tarde.

As sobranceiras de Geoffrey franziram-se ainda mais, repuxando também a crista de viúva. — A ira não pode estar presente no quarto de um doente. Especialmente agora. Especialmente a vossa ira.

Os dois Guardiões estudaram-se mutuamente. Saetan desviou primeiro o olhar.

Uma vez instalados em cadeiras confortáveis e após Geoffrey ter servido a ambos um copo de vinho de sangue aquecido, Saetan obrigou-se a olhar para a grande mesa em madeira escura que dominava a divisão. Habitualmente estava repleta de livros de história, de Arte e de consulta que Geoffrey ia retirando das pilhas – livros nos quais os dois homens haviam procurado por referências para compreenderem as observações fortuitas, porém invulgares, de Jaenelle e as suas habilidades por vezes bizarras, embora impressionantes. Agora, estava vazia. E o vazio magoava.

— Não tens uma réstia de esperança, Geoffrey? — inquiriu Saetan baixinho.

— O quê? — Geoffrey olhou de relance para a mesa, para logo desviar o olhar. — Precisava... de me ocupar. Ao sentar-me ali, cada livro trazia uma lembrança e...

— Compreendo. — Saetan esvaziou o copo e estendeu a mão para alcançar a bengala.

Geoffrey acompanhou-o à porta. Quando Saetan saiu para o corredor, sentiu um ligeiro e hesitante toque, pelo que se virou para trás.

— Saetan... ainda tendes esperança?

Saetan considerou a pergunta por um longo momento antes de responder da única forma que podia. — Tenho de ter.

Cassandra fechou o livro, rodou os ombros com lassidão e esfregou o rosto com as mãos. — Não há qualquer alteração. Não ascendeu do abismo – ou de onde quer que tenha sido o local para onde tombou. E quanto mais tempo permanecer fora do alcance da mente de outrem, menores serão as hipóteses de alguma vez a conseguirmos recuperar.

Saetan examinou a mulher de cabelo ruivo e envelhecido e olhos cor de esmeralda e cansados. Há muito, muito tempo atrás, no tempo em que Cassandra foi Feiticeira, a Rainha de Jóia Negra, Saetan fora seu Consorte e amara-a. E ela, à sua maneira, gostara dele – até Saetan realizar a Dádiva às Trevas, tendo-lhe sido atribuídas Jóias Negras. Depois, fora uma espécie de troca de aptidões – as dele na cama pelas dela na Arte de Viúva Negra – até Cassandra ter forjado a sua própria morte, tornando-se Guardiã. Tinha representado a cena do leito da morte de forma tão convincente e a fé de Saetan em Cassandra como Rainha era tão sólida, que nunca lhe tinha ocorrido que o fizera para findar o reinado como Feiticeira – e para fugir dele.

Agora, estavam novamente juntos.

Contudo, ao envolvê-la com os braços, oferecendo-lhe conforto, sentiu o retraimento interior, o estremecimento reprimido de medo. Cassandra nunca se tinha esquecido de que Saetan caminhava por estradas obscuras que nem mesmo ela se atreveria a tomar, nunca se tinha esquecido de que o Reino das Trevas o apelidara de Senhor Supremo quando ainda se encontrava completamente vivo.

Saetan beijou a testa de Cassandra e afastou-se. — Vê se descansas — disse, carinhosamente. — Eu fico junto a ela.

Cassandra olhou para ele, olhou de relance para a cama e abanou a cabeça. — Nem mesmo tu conseguirás alcançá-la, Saetan.

Saetan olhou para a frágil e pálida rapariguinha que jazia num mar de lençóis de seda pretos. — Eu sei.

Quando Cassandra fechou a porta ao sair, Saetan perguntou-se, apesar do grande preço a pagar, se retiraria ela alguma satisfação desse facto.

Abanou a cabeça para clarificar as ideias, puxou a cadeira que se encontrava mais perto da cama e suspirou. Queria que o quarto não fosse tão impessoal. Queria que existissem quadros para quebrar as extensas paredes de pedra negra polida. Queria ver as tralhas de uma rapariguinha espalhadas pela mobília em madeira escura. Eram tantos os seus desejos...

Contudo, estes aposentos tinham sido terminados pouco antes do pesadelo no Altar de Cassandra. Jaenelle não teve oportunidade de lhes inculcar o seu odor psíquico, tornando-os seus. Nem mesmo os pequenos tesouros aqui presentes tinham tido o convívio necessário, o manuseamento fundamental para que se tornassem verdadeiramente seus. Não havia uma

âncora que ela pudesse reconhecer e à qual se pudesse agarrar ao tentar efectuar a subida para fora do abismo que fazia parte das Trevas.

À excepção de Saetan.

Apoiando um braço na cama, Saetan inclinou-se e afastou com delicadeza o cabelo louro e liso do rosto demasiadamente magro. O seu corpo *estava* a sarar, pese embora com lentidão pois não havia ninguém no seu interior para auxiliar a convalescença. Jaenelle, a sua jovem Rainha, a filha da sua alma, estava perdida nas Trevas – ou na paisagem interior do Reino Distorcido. Fora do seu alcance.

Mas não, tinha esperanças, fora do alcance do seu amor.

Com a mão pousada na cabeça de Jaenelle, Saetan fechou os olhos e procedeu à descida interior até ao nível das Jóias Negras. Devagar, cautelosamente, prosseguiu até não conseguir descer mais. Foi então que soltou as palavras para o abismo, tal como fizera nas últimas três semanas.

“Estás a salvo, criança-feiticeira. Regressa. Estás a salvo.”

## 5 / Terreille

Uma mão acariciou-lhe o braço, apertando-lhe ligeiramente o ombro.

O ânimo de Lucivar inflamou-se ao sentir que estavam a perturbar-lhe o breve período de sono que o seu corpo dorido lhe permitia em cada noite. As correntes que lhe prendiam os pulsos e os tornozelos à parede não eram suficientemente longas para que se pudesse deitar e alongar, por isso dormia de cócoras, com as nádegas encostadas à parede para aliviar a tensão nas pernas, a cabeça pousada nos antebraços cruzados e as asas dobradas descontraidamente à volta do corpo.

Umhas unhas compridas sussurraram-lhe na pele. A mão apertou-lhe o ombro com um pouco mais de força. — Lucivar — murmurou uma voz profunda, rouca de frustração e cansaço. — Acorda, Bastardinho.

Lucivar ergueu a cabeça. O luar que perpassava pela fresta da cela não servia para ver com clareza, mas era suficiente. Olhou para o homem inclinado sobre si e, por um breve momento, ficou satisfeito por ver o seu meio-irmão. Logo de seguida, os seus dentes cerraram-se num sorriso selvagem. — Olá, Bastardolas.

Daemon retirou a mão do ombro de Lucivar e recuou, cauteloso. — Vim tirar-te daqui.

Lucivar levantou-se lentamente, rosnando baixinho ao ouvir o tilitar das correntes. — O Sádico a demonstrar afeição? Estou comovido. — Investiu na direcção de Daemon mas os ferros travaram-lhe as pernas e Daemon deslizou para longe do seu alcance.

— Não é um cumprimento lá muito entusiasta, irmão — disse Daemon suavemente.

— Esperavas *sequer* um cumprimento, irmão? — proferiu Lucivar, encolerizado.

Daemon passou os dedos pelo cabelo e suspirou. — Sabes bem a razão pela qual, até agora, nada podia fazer para te ajudar.

— Sim, sei qual é — respondeu Lucivar, a voz profunda alterando-se para um trauteio letal. — Tal como sei porque estás agora aqui.

Daemon virou-se, ficando com o rosto escondido na penumbra.

— Achas que o facto de me libertares servirá como compensação, Bastardolas? Achas que alguma vez te perdoarei?

— Tens de me perdoar — murmurou Daemon. E estremeceu.

Lucivar semicerrou os olhos dourados. No odor psíquico de Daemon podia sentir uma fragilidade inesperada. Noutros tempos, teria ficado preocupado. Agora, servir-lhe-ia como arma. — Não deverias ter vindo, Bastardolas. Jurei que te mataria se aceitasses aquela oferta e é o que farei.

Daemon virou-se, encarando Lucivar. — Qual oferta?

— Talvez troca seja a melhor palavra. A tua liberdade pela vida de Jaenelle.

— Não aceitei essa oferta!

As mãos de Lucivar cerraram-se. — Então mataste-a por diversão? OU não te apercebeste de que estava a morrer debaixo de ti até já ser demasiado tarde?

Fitaram-se mutuamente.

— Do que é que estás a falar? — perguntou Daemon calmamente.

— O Altar de Cassandra — respondeu Lucivar com a mesma calma, enquanto a raiva crescia, ameaçando quebrar o seu autocontrolo. — Foste negligente, desta vez. Deixaste o lençol — e todo aquele sangue.

Oscilando, Daemon olhou espantado para as mãos. — Tanto sangue — sussurrou. — As minhas mãos estavam cobertas de sangue.

Nos olhos de Lucivar, as lágrimas ardiam. — Porquê, Daemon? O que fez ela para merecer tal sofrimento? — A voz subiu de tom. Não o conseguia evitar. — Era a Rainha que sonhávamos servir. Tínhamos aguardado tanto tempo por ela. *Cabrão carniceiro, por que a mataste?*

Os olhos de Daemon ficaram repletos de uma perigosa advertência. — Ela não morreu.

Lucivar susteve a respiração, desejando acreditar. — Assim sendo, onde está ela?

Daemon hesitou, parecia confundido. — Não sei. Não tenho a certeza.

A dor irrompeu em Lucivar de forma tão feroz como quando son-



dou o sangue seco no lençol. — Não tens a certeza — escarneceu. — Tu. O Sádico. Não sabes ao certo onde enterraste a presa? Inventa uma mentira mais convincente.

— Não está morta! — Daemon bramiu.

Ouviu-se um grito ali perto, seguido do som de passos de corrida.

Daemon ergueu a mão direita. A Jóia Negra reluziu. Do lado de fora dos estábulos onde estavam alojados os escravos, ouviu-se um guincho agonizante. De seguida, fez-se silêncio.

Sabendo que não demoraria muito até que os guardas ganhassem a coragem suficiente para entrar nos estábulos, Lucivar cerrou os dentes e forçou a descoberta de um ponto fraco que o debilitasse. — Limitaste-te a atirá-la para o chão e a possuí-la? Ou seduziste-a, mentiste-lhe, disseste que a amavas?

— Eu amo-a realmente. — Os olhos de Daemon encerravam uma sombra de dúvida, um toque de medo. — Tive de mentir. Não me queria ouvir. Tive de mentir.

— E foi então que a seduziste para te aproximares o suficiente e depois matá-la.

Daemon explodiu em movimentos. Começou a andar para trás e para a frente na cela, abanando furiosamente a cabeça. — Não — disse entre dentes. — Não, não, *não!* — Girou sobre si próprio, agarrou Lucivar pelos ombros, empurrando-o contra a parede. — Quem te disse que estava morta? QUEM?

Lucivar levantou os braços repentinamente, soltando-se de Daemon. — Dorothea.

No rosto de Daemon surgiu o brilho súbito da dor. Recuou. — Desde quando é que ouves o que Dorothea diz? — perguntou amargamente. — Desde quando é que acreditas nessa cabra mentirosa?

— Não acredito.

— Então por q...

— As palavras mentem. O sangue não. — Lucivar aguardou que Daemon percebesse a insinuação. — Deixaste o lençol, Bastardolas — proferiu selvaticamente. — Todo aquele sangue. Toda aquela dor.

— Pára — murmurou Daemon com a voz trémula. — Lucivar, por favor. Não compreendes. Ela já estava ferida, já estava em sofrimento e eu...

— Seduziste-a, mentiste-lhe, violaste uma rapariga de doze anos.

— Não!

— Gostaste, Bastardolas?

— Eu não...

— Gostaste de lhe tocar?

— Lucivar, por favor...



— GOSTASTE?

— SIM!

Com um uivo de raiva, Lucivar investiu sobre Daemon com força suficiente para rebentar as correntes – mas não foi suficientemente rápido. Estatelou-se no chão, arranhando a pele da palma das mãos e dos joelhos. Levou um minuto a recuperar o fôlego. Levou um minuto mais a perceber porque tremia. Olhou espantado para a camada espessa de gelo que cobria as paredes de pedra da cela. Levantou-se lentamente, balançando nas pernas trêmulas, sentindo um ressentimento tão profundo que lhe dilacerava a alma.

Daemon estava próximo, de pé e com as mãos enfiadas nos bolsos das calças, o seu rosto era uma máscara inexpressiva e os olhos estavam ligeiramente vidrados e letárgicos.

— Odeio-te — segredou Lucivar roucamente.

— Neste momento, *irmão*, o sentimento é mútuo — afirmou Daemon demasiadamente calmo, com uma delicadeza exagerada. — Vou encontrá-la, Lucivar. Vou encontrá-la só para te provar que não está morta. E depois de a encontrar, volto aqui e arranco-te essa língua mentirosa.

Daemon desapareceu. A parte da frente da cela explodiu.

Lucivar mandou-se para o chão, com as asas junto ao corpo e os braços a protegerem a cabeça ao mesmo tempo que pedras e areia choviam sobre si.

Ouviram-se agora mais gritos. Mais passos de corrida.

Lucivar pôs-se em pé de um salto, ao mesmo tempo que os guardas se precipitavam pela abertura. Cerrou os dentes e rosnou, com os olhos dourados a arderem de raiva. Bastou um olhar para que os guardas recuassem da cela. Durante o que restava da noite, bloquearam a abertura mas não tentaram entrar.

Lucivar observava-os, com a respiração a silvar através dos dentes cerrados.

Poderia ter lutado para abrir caminho através dos guardas e seguido Daemon. Se Zuultah tentasse detê-lo enviando uma vaga de dor através do Anel de Obediência colocado no seu órgão, Daemon teria soltado a sua força contra ela. Independentemente da violência com que lutavam um com o outro, Lucivar e Daemon uniam-se sempre contra um inimigo externo.

Poderia tê-lo seguido e forçar a batalha que destruiria um deles ou mesmo ambos. Ao invés, manteve-se na cela.

Tinha jurado que mataria Daemon e assim o faria. Mas não conseguia reunir coragem para matar o irmão. Ainda não.

## CAPÍTULO DOIS

### 1 / Terreille

As batidas na porta sugeriam firmeza e premência. Dorothea SaDiablo encobriu as mãos trémulas nas pregas da camisa de noite, posicionando-se no centro do quarto, de costas para a única vela que iluminava tenuemente a divisão.

Há já sete meses que procurava Daemon Sadi. Sob a forte luz do dia, com a corte à sua volta, quase que se conseguia convencer de que ele não voltaria a Hayll, de que se manteria no buraco que tinha encontrado para se esconder. Mas à noite, ficava com a certeza de que ao abrir uma porta ou ao virar de uma esquina o iria encontrar à sua espera. Iria prolongar a dor para lá do que poderia sequer imaginar e, depois, matá-la-ia. O insulto subjacente à violência era o de que não a destruiria por tudo o que ela lhe tinha feito, mas sim por causa daquela criança.

Aquela maldita criança. A obsessão de Hekatah, o reaparecimento do Senhor Supremo, a morte de Greer, a doença misteriosa do seu filho Kartane, a fúria de Daemon, o ódio repentino de Lucivar pelo seu meio-irmão – tudo se resumia àquela rapariga.

A maçaneta girou. A porta abriu-se uns centímetros.

— Sacerdotisa? — chamou baixinho uma voz masculina.

O alívio estonteante foi rapidamente substituído pela irritação. — Entra — ordenou ríspidamente.

O Senhor Valrik, o Guarda-Mor de Dorothea, entrou no quarto e fez uma vénia. — Perdoai-me a intromissão a esta hora tardia, Sacerdotisa, mas julguei que gostaríeis de ser informada de imediato sobre este assunto. — Ao estalar os dedos entraram dois guardas, que agarravam rudemente um homem pelos braços.

Dorothea olhou espantada para o jovem macho haylliano dos Sangue que se encolhia de medo entre os guardas. Na verdade, não era mais do que um rapazote. E bonito. Tal como ela os apreciava. Demasiadamente como

ela os apreciava.

Deu um passo na direcção do jovem, satisfeita pelo medo presente nos olhos vidrados. — Não serves na minha corte — ronronou. — Porque estás aqui?

— Fui enviado, Sacerdotisa. Disseram-me que d-devia satisfazer-vos.

Dorothea observou-o. As palavras pareciam insípidas, forçadas. Não eram, com certeza, as suas próprias palavras. Existiam alguns tipos de feitiços de coacção que poderiam forçar alguém a desempenhar um conjunto específico de tarefas, ainda que contra a sua vontade.

Avançou mais um passo. — Quem te enviou?

— Não me disse o n...

Antes de conseguir terminar a frase, Dorothea invocou um punhal e cravou-o no peito do rapaz. O ataque foi tão rápido e violento que os guardas foram puxados para baixo, juntamente com o rapaz. De imediato, libertou a força da Jóia Vermelha contra as lastimavelmente inadequadas barreiras interiores, cauterizando-lhe a mente, deixando-a vazia, não restando nada que pudesse regressar para a assombrar.

— Levem essa coisa para os bosques para além da cidade para o que quer que queira regalar-se na carcaça — disse, entre dentes.

Os guardas pegaram no corpo e saíram apressadamente, seguidos por Valrik.

Dorothea começou a caminhar de um lado para o outro, fechando e abrindo os punhos. Maldição, maldição, maldição! Deveria ter sondado a mente do rapaz antes de o ter destruído totalmente, deveria ter descoberto quem, de facto, o enviara. Mas era, com certeza, obra de Sadi! O bastardo estava a divertir-se com ela, tentando desgastar a sua vigilância, tentando apanhá-la desprevenida.

Escondeu o rosto nas mãos trémulas.

Sadi andava lá fora. Algures. Até estar morto... *Não!* Morto não. Então é que *não* haveria qualquer esperança de o controlar e, uma vez demónio-morto, iria juntar forças com o Senhor Supremo. Jamais se esqueceria da ameaça de Saetan, a voz a erguer-se de um pesadelo em torvelinho: quando Daemon Sadi morresse, Hayll morreria também.

Exausta, Dorothea regressou à cama. Hesitou por um momento e, por fim, extinguiu a chama da vela. Na escuridão total, a segurança era maior – se é que existia sequer segurança.

Dorothea afastou o capuz da capa e inspirou profundamente antes de entrar na pequena sala de estar do velho Santuário. Hekatah estava já sentada em frente à lareira apagada, com o capuz puxado para a frente para ocultar o rosto. À sua frente estava uma taça vazia em vidro escuro.

Dorothea invocou uma garrafa em prata e colocou-a junto à taça.

Hekatah deixou sair uma fungadela irritada perante o tamanho da garrafa, contudo apontou-lhe um dedo. A garrafa abriu-se e elevou-se da mesa. O conteúdo quente e vermelho deslizou para a taça, que, por sua vez, deslizou pelo ar até à mão de Hekatah. Bebeu copiosamente.

Dorothea cerrou os punhos e aguardou. Chegando ao limite da paciência, disse bruscamente:

— Sadi ainda anda por aí.

— E cada dia servirá para afiar ainda mais o seu temperamento — retrucou Hekatah com aquela voz amenizada que soava sempre tão díspar da sua natureza cruel.

— Exactamente.

Hekatah suspirou como uma mulher saciada. — Isso é bom.

— Bom? — explodiu Dorothea da cadeira. — Não o conheceis!

— Mas conheço o seu pai.

Dorothea sentiu um calafrio.

Hekatah poisou a taça vazia na mesa. — Acalma-te, Irmã. Estou a ter cer uma teia deliciosa para Daemon Sadi, uma teia da qual não conseguirá escapar pois não o quererá fazer.

Dorothea voltou para a cadeira. — Poderá, então, ser Anelado novamente.

Hekatah riu-se suavemente, maliciosamente. — Oh, não, seria inútil para nós se estivesse Anelado. Mas não te preocupes. Irá caçar presas maiores do que tu. — Brandiu um dedo na direcção de Dorothea. — Estive muito ocupada por tua causa.

Dorothea cerrou os lábios, recusando-se a morder o isco.

Hekatah aguardou um minuto. — Irá atrás do Senhor Supremo.

Dorothea olhou espantada. — Porquê?

— Para vingar a rapariga.

— Mas foi Greer quem a destruiu!

— Sadi não sabe — disse Hekatah. — Depois de terminar de lhe contar a triste história da *razão* pela qual isto aconteceu à rapariga, a única coisa que quererá fazer será arrancar o coração de Saetan. É óbvio que o Senhor Supremo contestará tal acção.

Dorothea reclinou-se. Há meses que não se sentia tão bem. — O que precisais de mim?

— Soldados para me ajudarem a montar a armadilha.

— Sendo assim, o melhor é escolher machos que sejam dispensáveis.

— Não te preocupes com os guardas. Sadi não será uma ameaça para eles. — Hekatah levantou-se, numa despedida implícita.

No exterior, Hekatah disse friamente:

— Nada referiste sobre a minha oferta, Irmã.  
— A vossa oferta?  
— O rapaz. Pensei em ficar com ele, mas tinhas direito a uma compensação pela perda de Greer. É um servo extremamente solícito.

— Sabes o que tens a fazer? — perguntou Hekatah, entregando dois frasquinhos a Greer.

— Sim, Sacerdotisa. Mas tendes a certeza de que irá a esse local?

Hekatah acariciou a face de Greer. — Seja por que razão for, Sadi tem visitado todos os Altares das Trevas, dirigindo-se a oriente. Irá a esse. É o único Portão que resta antes do que se encontra localizado junto às ruínas do Paço dos SaDiablo. — Bateu com as pontas dos dedos nos lábios e franziu o sobrolho. — A velha Sacerdotisa desse Altar pode representar um problema. Porém, a sua assistente é uma rapariga pragmática – uma característica que se encontra profusamente nos Sangue menos dotados. Conseguirás lidar com ela.

— E a velha Sacerdotisa?

Hekatah encolheu os ombros com delicadeza. — Não se deve desperdiçar uma refeição.

Greer sorriu, fez uma vénia sobre a mão que Hekatah lhe estendia e saiu.

Cantarolando, Hekatah executou os primeiros passos de uma dança de corte. Durante sete meses, Sadi tinha vindo a esgueirar-se das armadilhas que montara e as suas retaliações sempre que era afastado de um Portão tinham feito com que até os seus servidores mais leais no Reino das Trevas tivessem medo de o atacar. Durante sete meses falhara. Todavia, também ele falhara.

Poucas Sacerdotisas restavam em Terreille que soubessem abrir os Portões. As que não tinham passado à clandestinidade depois do primeiro aviso de Hekatah, tinham sido eliminadas.

Tinha-lhe custado alguns dos seus demónios mais fortes, mas tinha garantido que Sadi nunca teria tempo de descobrir por si próprio como acender as velas negras pela sequência correcta para conseguir abrir um Portão. É claro que se se tivesse dirigido directamente a Ebon Askavi, a sua demanda teria terminado meses atrás. Hekatah tinha passado século após século a transformar o receio natural do local num terror subtil – o que não era difícil visto que a única vez que entrou na Fortaleza, o local apavorou-a. Agora, *ninguém* em Terreille aí iria de bom grado solicitar ajuda ou refúgio, a não ser que estivesse desesperado a ponto de arriscar o que quer que fosse – e, a maioria das vezes, nem mesmo assim.

Por conseguinte, Sadi, sem um local seguro ao qual se dirigir e sem

ninguém em quem confiar, continuaria a esconder-se, a procurar, a fugir. Quando chegasse, por fim, ao Portão onde estaria a aguardá-lo, o esforço dos últimos meses torná-lo-ia ainda mais susceptível em relação ao que planeava.

— Domina o Inferno enquanto podes, grande filho da puta — exclamou, abraçando-se. — Agora, tenho a arma perfeita.

## 2 / Inferno

Saetan abriu a porta do gabinete privado e imobilizou-se ao mesmo tempo que a Harpia que se encontrava no corredor puxou a corda do arco, apontando-lhe a flecha ao coração.

— Uma forma um pouco rude de solicitar uma audiência, não achais, Titian? — perguntou secamente.

— Nenhuma das minhas armas é rude, Senhor Supremo — retrucou Titian.

Saetan examinou-a por um momento antes de voltar a entrar no gabinete. — Entrai e dizei o que viestes dizer. — Apoiando-se com esforço na bengala, coxeou até à secretária em madeira escura, encostou-se a um dos cantos e aguardou.

Titian entrou devagar, a raiva num turbilhão como uma tempestade de Inverno. Deteve-se no outro lado da divisão, enfrentando-o, destemida na sua fúria, uma Rainha Viúva Negra dos Dea al Mon demónia-morta. Mais uma vez, o arco estava em riste, com a flecha apontada ao coração de Saetan.

A paciência de Saetan, já de si fragilizada pelos implacáveis meses, rebentou. — Baixai essa coisa antes que faça algo de que ambos nos venhamos a arrepender.

Titian não vacilou. — Não fizestes já algo de que vos arrependeis, Senhor Supremo? Ou estais tão pejado de pus de ciúmes que não tendes espaço para remorsos?

As paredes do Paço ribombaram. — Titian — disse, com demasiada delicadeza, — não voltarei a avisar-vos.

Com relutância, Titian fez desaparecer o arco e a flecha.

Saetan cruzou os braços. — Na verdade, a vossa indulgência surpreende-me, Senhora. Esperava que esta conversa tivesse tido lugar há já muito tempo.

Titian sibilou. — Sendo assim, é verdade? Caminha entre as *cildru dyathe*?

Saetan observou a tensão crescente em Titian. — E se assim for?

Titian fixou o olhar em Saetan durante um terrível momento para depois inclinar a cabeça para trás, começando a carpir.

Saetan olhou espantado para ela, abalado. Sabia que o boato se espalharia pelo Inferno. Sabia que Titian, tal como Char, o líder das *cildru dyathe*, o procurariam. Contava com a sua fúria. Essa fúria poderia enfrentar. O ódio poderia aceitar. Mas não isto.

— Titian — disse, com uma voz insegura. — Titian, chegai aqui.

Titian continuava a carpir.

Saetan coxeou na sua direcção. Não pareceu reparar que Saetan a tomou nos braços e a abraçou com força. Afagou-lhe o longo cabelo grisalho, murmurando palavras de pesar no Idioma Antigo.

— Titian — disse suavemente, quando o carpido se transformou num queixume, — lamento pela dor que vos causei, mas não pôde ser evitado.

Titian enfiou o punho no estômago de Saetan, fazendo-o estatelar-se no chão.

— Lamentais — rosnou ao caminhar enfurecida pelo gabinete. — Ora, também eu. Lamento que tenha sido simplesmente o meu punho e não uma faca, ainda agora. Mereceis ser esventrado por isso! Velho ciumento. *Monstro!* Não a poderíeis ter deixado desfrutar de um romance inocente sem a dilacerar por despeito?

Conseguindo finalmente recuperar o fôlego, Saetan apoiou-se num cotovelo. — A Feiticeira não se torna *cildru dyathe*, Titian — afirmou friamente. — A Feiticeira não se torna num dos demónios-mortos. Por isso, diz-me o que preferes: que afirme que ela caminha entre as *cildru dyathe* ou que permita que uma rapariguinha fique vulnerável a outros ataques de inimigos?

Titian deteve-se, com um olhar embargado nos grandes olhos azuis. Inclinou-se sobre Saetan, à procura do seu rosto. — A Feiticeira não se pode tornar demónia-morta?

— Não. Mas, no Inferno, só quem sabe desse facto sois vós e Char.

— Admito, — disse devagar, — que a forma mais convincente de enganar um inimigo é enganar um amigo. — Considerou esta afirmação durante mais um momento e, de seguida, ofereceu uma mão a Saetan para o ajudar a erguer-se. Titian reouve a bengala e olhou-o nos olhos. — Uma Harpia é uma Harpia pela forma como morreu. Isso contribuiu para acreditar nos boatos.

Era o mais parecido com um pedido de desculpas do que alguma vez esperaria ouvir de Titian.

Saetan aceitou a bengala, agradecido pelo amparo. — Dir-vos-ei o que disse a Char — proferiu. — Se ainda mantendes a vossa amizade e se desejardes ajudar, há algo que podeis fazer.

— E o que é, Senhor Supremo?

— Continuai encolerizada.

Acendeu-se um fogo nos olhos de Titian. Nos seus lábios, entreviu-se um sorriso que logo desapareceu. — Uma flecha que falha por pouco seria muitíssimo convincente.

Saetan ergueu uma sobrelanceira e deu um estalido com a língua. — Uma feiticeira Dea al Mon a falhar o alvo?

Titian encolheu os ombros. — Nem os Dea al Mon acertam sempre.

— No caso de não conseguirdes falhar, tentai não fazer pontaria para algo que seja de importância vital — disse Saetan secamente.

Titian pestanejou. O sorriso voltou a roçar-lhe os lábios. — Uma Harpia faz pontaria unicamente a uma zona da anatomia masculina, Senhor Supremo. Quão vital a considerais?

— Ide — ordenou Saetan.

Titian fez uma vénia e saiu.

Saetan fixou a porta do gabinete durante uns momentos antes de claudicar até uma cadeira. Deixou-se cair com um suspiro, esticando as pernas. Um minuto depois, saiu do gabinete, caminhando pelos corredores em direcção aos quartos situados acima, no Paço, esperando que Mephis ou Andulvar estivessem por lá.

Ansiava por companhia. Companhia masculina.

Ter Titian como amiga não deixava um homem muito tranquilo.

### 3 / Terreille

Ao luar, a relva era de um prateado fantasmagórico agitada pelo vento. Ao longo do quente dia de solstício de Verão, nuvens de tempestade tinham-se acumulado ao longo da linha do horizonte, ouvindo-se o ribombar dos trovões à distância.

Surreal abotoou o casaco e abraçou-se para se aquecer. O ar tinha arrefecido. Daqui a uma hora, a tempestade abater-se-ia sobre Beldon Mor. Nessa altura, já teria regressado à casa da Lua Vermelha de Deje, a convidada de honra do seu íntimo jantar de aposentação.

Depois daquela noite no Altar de Cassandra, descobrira que já não conseguia suportar as brincadeiras na cama, nem mesmo se o objectivo fosse o de facilitar um homicídio. Não passaria fome se deixasse de se prostituir. O Senhor Marcus, o agente dos negócios de Sadi, também geria os seus investimentos e fazia-o muito bem. Além disso, tinha sempre preferido ser uma assassina a ser uma prostituta.

Surreal abanou a cabeça. Poderia meditar sobre o assunto posteriormente.



Movendo-se devagar através do pequeno jardim de arbustos que ficava ao fundo do relvado, chegou à grande árvore com o ramo que era perfeito para um baloiço. Algo pendia desse ramo, mas não era um brinquedo de criança.

Surreal olhou para cima, tentando sentir a presença fantasmagórica, tentando vislumbrar a silhueta transparente.

— Não a encontrarás — disse a voz de uma rapariga. — Marjane foi-se embora.

Surreal girou sobre si própria e olhou espantada para a rapariga com o corte na garganta e o vestido ensanguentado. Tinha travado conhecimento com Rose há sete meses atrás, quando Jaenelle lhe mostrou o horrível segredo de Briarwood. Na noite a seguir, ela e Rose tinham retirado Jaenelle de Briarwood, embora tivesse sido demasiado tarde para impedir a cruel violação.

— O que lhe aconteceu? — perguntou Surreal, olhando de relance para a árvore. Uma pergunta idiota sobre uma rapariga morta há muito.

Rose encolheu os ombros. — Dissipou-se. Todos os fantasmas antigos regressaram finalmente às Trevas. — Estudou Surreal. — Porque estás aqui?

Surreal respirou profundamente. — Vim despedir-me. Vou deixar Chaillot pela manhã – e não regressarei.

Rose ponderou estas palavras. — Se segurares a minha mão, talvez consigas ver a Dannie. Não sei como é que a Jaenelle conseguia ver sempre os fantasmas. Mesmo depois de me ter tornado demónia, não conseguia ver os mais antigos, a não ser que Jaenelle estivesse presente. Ela disse que era porque este era um dos Reinos dos vivos.

Surreal segurou na mão de Rose. Dirigiram-se à horta.

— Jaenelle está bem? — perguntou Rose, hesitante.

Surreal afastou do rosto o cabelo emaranhado pelo vento. — Não sei. Tinha ferimentos bastante graves. Uma feiticeira no Altar de Cassandra levou-a para um lugar seguro. Poderá ter chegado a tempo a uma Curandeira.

Pararam no canteiro das cenouras, onde tinham sido secretamente enterradas duas irmãs ruivas, tal como todas estas crianças tinham sido enterradas. Mas não se vislumbravam silhuetas nem murmúrios. Surreal não sentiu o horror entorpecedor como da primeira vez que visitou este jardim. Neste momento, sentia uma mistura de pesar e de esperança de que aquelas jovens raparigas se encontrassem, finalmente, para além da memória do que lhe tinha sido infligido.

Dannie era a única naquele local. Surreal esforçou-se por não olhar para o coto fantasmagórico no sítio onde deveria existir uma perna. O seu

estômago contraiu-se ao esforçar-se ainda mais por não se lembrar do destino dado aquela perna.

Enterrando a compaixão, Surreal enviou um fio psíquico de afecto e de amizade em direcção à rapariga-fantasma.

Dannie sorriu.

Até na morte os Sangue eram cruéis, pensou Surreal ao apertar a mão fria de Rose. Quão vazios, quão solitários deveriam ter sido os anos para as que não eram suficientemente fortes para se tornarem demónias-mortas mas que eram demasiado fortes para regressarem às Trevas. Ali permaneciam, acorrentadas às sepulturas, invisíveis, inaudíveis, sem ninguém para cuidar delas – à excepção de Jaenelle.

O que lhe *teria* acontecido?

Surreal e Rose voltaram para o jardim de arbustos. — Deveriam ser todos esventrados — resmoneou Surreal, largando a mão de Rose. Encostou-se à árvore e olhou fixamente para o edifício. A maior parte das janelas estava na escuridão, mas podiam ver-se algumas luzes ténues. Invocando o seu punhal preferido, balançou-o na mão e sorriu. — Antes de partir, talvez possa estrumar o jardim com um ou dois.

— Não — disse Rose bruscamente, colocando-se à frente de Surreal. — Não podes tocar em nenhum dos tios de Briarwood. Ninguém pode.

Surreal endireitou-se, com uma expressão selvagem nos olhos verde-dourados. — Sou excelente no que faço, Rose.

— Não — insistiu Rose. — Quando o sangue de Jaenelle foi derramado, a teia entrelaçada que criou foi despertada. É uma armadilha para todos os tios.

Surreal olhou para o edifício, depois para Rose. Tinha ouvido rumores sobre uma doença misteriosa que estava a afectar vários membros superiores do conselho de Chaillot – como Robert Benedict – bem como alguns dignitários especiais – como Kartane SaDiablo. — Esta armadilha irá matá-los?

— A seu tempo — disse Rose.

Um brilho maldoso surgiu nos olhos de Surreal. — E existe cura?

— Briarwood é o veneno embelezado. Não existe cura para Briarwood.

— É doloroso?

Rose sorriu abertamente. — Cada um receberá aquilo que provocou.

Surreal fez desaparecer o punhal. — Sendo assim, deixai que os cabrões berrem.

#### 4 / Terreille

À luz de duas tochas fumegantes, a jovem Sacerdotisa verificou por duas vezes as ferramentas que tinha colocado no Altar das Trevas. Tudo estava a postos: o candelabro com quatro braços e as respectivas velas negras, a pequena taça de prata e os dois frasquinhos com um líquido escuro – um com uma rolha branca e outro com uma vermelha.

Quando o desconhecido com as mãos mutiladas lhe tinha dado os frasquinhos, garantiu-lhe que o antídoto iria evitar que fosse afectada pela infusão de feiticeira que tinha sido concebida para subjugar um Príncipe dos Senhores da Guerra.

Caminhava de um lado para o outro por detrás do Altar, a roer a unha do polegar. Tinha parecido tão fácil, porém...

Imobilizou-se, nem sequer se atrevendo a respirar, ao tentar vislumbrar o corredor na penumbra, para além do portão em ferro forjado. Estaria algo ali?

Nada, para além do silêncio no silêncio da noite, uma sombra nas sombras, deslizando em direcção ao Altar com a graciosidade de um predador.

A Sacerdotisa agachou-se atrás do Altar, quebrou o lacre no frasquinho com a rolha branca e engoliu apressadamente o conteúdo. Fez desaparecer o frasquinho e levantou-se. Quando voltou a olhar na direcção do portão em ferro forjado, agarrou a Jóia Amarela como se esta a pudesse proteger.

Estava do outro lado do Altar a observá-la. Apesar das roupas amarradas e do cabelo desganhado, exsudava uma energia gélida e carnal.

A Sacerdotisa passou a língua pelos lábios e esfregou as mãos húmidas no manto. Os olhos dourados do homem pareciam letárgicos, ligeiramente vítreos.

Foi então que sorriu.

Ela estremeceu e respirou fundo. — Vindes em busca de aconselhamento ou auxílio?

— Auxílio — disse, com uma voz profunda e cortês. — Possuís os conhecimentos necessários para abrir o Portão?

Como poderia um homem ser tão belo? Pensava a Sacerdotisa ao mesmo tempo que acenava afirmativamente com a cabeça. — Tem um preço. — A sua voz pareceu ser engolida pelas sombras.

Com a mão esquerda, o homem retirou um envelope de um bolso interior do casaco, pousando-o no Altar. — Será suficiente?

Ao estender a mão para o agarrar, olhou de soslaio para ele e a mão imobilizou-se sobre o envelope branco e espesso. Existia algo naquela per-

gunta, pese embora tivesse sido colocada de forma educada, que a avisava de que era melhor que fosse suficiente.

Forçou-se a pegar no envelope e a olhar para o seu interior e, de seguida, encostou-se ao Altar para se apoiar. Mil marcos em ouro. Pelo menos dez vezes mais do que o desconhecido com as mãos mutiladas tinha oferecido.

Porém, já tinha estabelecido um acordo com o desconhecido e restaria tempo suficiente para guardar os marcos antes de os guardas chegarem.

A Sacerdotisa colocou o envelope, cautelosamente, na extremidade mais afastada do Altar. — Muito generoso — disse, esperando não parecer muito impressionada.

Respirando fundo, ergueu a taça de prata acima da cabeça, colocando-a seguidamente à sua frente. Quebrou o lacre no frasquinho com a rolha vermelha, despejou o conteúdo na taça e estendeu-a para ele. — A viagem pelo Portão é um empreendimento árduo. Isto ajudar-vos-á.

Não pegou na taça.

A Sacerdotisa produziu um som de impaciência e bebeu um gole, tentando não se nausear com o sabor amargo e, depois, voltou a estender a taça.

Pegou-lhe com a mão esquerda e as suas narinas dilataram-se ao cheirar o líquido, mas não o bebeu.

Passou um minuto. Dois.

Com um encolher de ombros imperceptível, engoliu o conteúdo da taça.

A Sacerdotisa susteve a respiração. Quanto tempo levaria a fazer efeito? Quanto tempo demorariam os guardas a chegar?

Os olhos do homem alteraram-se. Balançou. Encostou-se ao Altar e olhou na direcção da Sacerdotisa tal como um amante olha para a sua senhora. Não conseguia desviar os olhos dos seus lábios. Macios. Sensuais. Inclinou-se na sua direcção. Um beijo. Um doce beijo.

Imediatamente antes de os seus lábios tocarem os dele, agarrou-lhe o pulso com a mão direita. — Cabra — rosnou mansamente.

Surpreendida, tentou libertar-se.

À medida que a mão apertava cada vez mais, a Sacerdotisa olhou para o anel com a Jóia Negra.

As longas unhas do homem perfuraram-lhe a pele. Foi então que sentiu a picada acutilante do dente de serpente por baixo da unha do dedo anelar, sentiu o veneno a gelar-lhe o sangue.

Debateu-se com a outra mão, tentando alcançar-lhe o rosto, tentando gritar por socorro ao mesmo tempo que a sua visão ficava desfocada e que os seus pulmões se recusavam a receber o ar necessário.

Partiu-lhe ambos os pulsos, quebrando os ossos ao mesmo tempo que a empurrava para longe de si.

— O veneno do meu dente de serpente não faz efeito tão depressa como poderias pensar — disse com demasiada calma, com demasiada delicadeza. — Por fim, conseguirás gritar. Irás despedaçar-te ao fazê-lo, mas gritarás.

E desapareceu, nada mais restando a não ser um silêncio no silêncio da noite, uma sombra nas sombras.

Quando os guardas chegaram, a Sacerdotisa já gritava.

## 5 / Terreille

O chão girava debaixo dos seus pés, fazendo pouco das pernas que já tremiam de fadiga e que estavam com câibras devido à sórdida infusão de feiticeira.

Por trás daquela porta existia um lugar seguro. Ao alcançá-lo, o chão girou novamente, fazendo-o tropeçar. Bateu com o ombro na porta, fazendo estalar a madeira velha e podre, e caiu pesadamente de lado, no chão da divisão.

— Cabra — rosnou mansamente.

Bruma cinzenta. Um cálice de cristal estilhaçado. Velas negras. Cabelo louro.

Sangue. Tanto sangue.

*As palavras mentem. O sangue não.*

— Cala-te, Bastardinho — ordenou asperamente.

O chão continuava a girar debaixo de si. Cravou as unhas compridas na madeira, tentando equilibrar-se, tentando pensar.

A febre estava perigosamente elevada e sabia que precisava de comida, água e descanso. Por agora, era uma vítima para quem quer que o procurasse nesta casa abandonada onde tinha passado os primeiros anos da sua vida com Tera, a sua verdadeira mãe.

*Tudo tem um preço.*

Se se tivesse rendido no exterior daquele Santuário há três dias, se tivesse permitido que os guardas hayllianos o encontrassem, talvez não tivesse ficado tão doente devido à infusão. Contudo, tinha forçado o corpo de forma desumana ao ponto de sucumbir, para poder alcançar o Portão junto às ruínas do Paço dos SaDiablo.

E sempre que a extenuação se avizinhava, sempre que a força de vontade diminuía um pouco, uma bruma cinzenta começava a toldar-lhe a mente, uma bruma que sabia conter algo extremamente horrendo. Algo que não desejava ver.

*És o meu instrumento.*

Palavras, como relâmpagos negros bruxuleantes, saíam dessa bruma, ameaçando cauterizar-lhe a alma.

*As palavras mentem. O sangue não.*

Estava a menos de dois quilómetros do Portão.

— Lucivar — sussurrou. Mas estava sem forças para se sentir zangado com a traição do irmão.

*És o meu instrumento.*

— Não. — Tentou pôr-se de pé, mas não conseguiu. Ainda assim, algo no seu interior exigia o desafio. — Não. Não sou o vosso instrumento. Sou... sou... Daemon... Sadi.

Fechou os olhos e foi engolido pela bruma cinzenta.

Soltando um gemido, Daemon virou-se de costas e abriu os olhos devagar. Até para este movimento o esforço era demasiado. Ao princípio, julgou que tinha ficado cego. Depois começou a discernir silhuetas na obscuridade.

Noite. Era noite.

Respirando lentamente, começou a avaliar os danos físicos.

Sentia-se tão seco como madeira velha, tão rígido como uma pedra. Os músculos ardiavam. O estômago doía de fome e a sede que sentia era intensa. A febre baixara, a dada altura, mas...

Havia algo de *errado*.

*As palavras mentem. O sangue não.*

As palavras proferidas por Lucivar andavam às voltas, em crescendo, solidificando-se. Colidiram com a mente de Daemon, fragmentando-a ainda mais.

Daemon gritou.

*És o meu instrumento.*

Enquanto as palavras de Saetan ribombavam dentro de si, a dor aumentou – e o medo surgiu. Medo de que a bruma que preenchia a sua mente se pudesse dissipar revelando algo horrendo.

*Daemon.*

Agarrando-se furiosamente à memória de Jaenelle a pronunciar o seu nome como uma carícia suave e suspirante, Daemon pôs-se em pé. Desde que se conseguisse lembrar, poderia manter as outras vozes à distância.

As pernas estavam demasiado pesadas, mas conseguiu deixar a casa e seguir os vestígios da energia que o levaria ao Paço. Ainda que cada movimento representasse uma dor agonizante, quando chegou ao Paço estava a deslocar-se praticamente no seu habitual passo deslizante.

Todavia, havia ainda algo de terrivelmente errado. Estava a ser difícil

manter o Príncipe dos Senhores da Guerra chamado Daemon Sadi, estava a ser difícil manter a consciência de si próprio. Tinha de resistir um pouco mais. Tinha de ser.

Reunindo as últimas energias e força de vontade, Daemon aproximou-se cautelosamente do pequeno edifício que abrigava o Altar das Trevas.

Hekatah rondava o pequeno edifício que se erguia à sombra das ruínas do Paço dos SaDiablo. Brandia os punhos no ar, frustrada para além dos limites suportáveis pelos últimos três dias. Ainda assim, sempre que circundava o Altar, olhava de relance para a parede que se encontrava por detrás, receosa de que se transformasse numa névoa e de que Saetan atravessasse o Portão para a desafiar.

Contudo, ultimamente o Senhor Supremo andava demasiado ocupado com as suas próprias preocupações para lhe prestar atenção.

O seu principal problema no momento era Daemon Sadi.

Depois de ter ingerido a bebida que lhe tinha preparado, *não poderia* ter caminhado para fora daquele Altar das Trevas, apesar do que os idiotas dos guardas afiançaram. Mas se estivesse realmente a dirigir-se a este Portão... Nesta altura, a segunda parte da infusão, a parte que tornaria a sua mente receptiva às suas palavras cuidadosamente ensaiadas, estaria no auge. Tinha planeado sussurrar-lhe as palavras envenenadas enquanto cuidava dele durante o estado febril e a dor para que, quando a febre baixasse, aquelas palavras se tivessem solidificado numa verdade terrível da qual não poderia escapar. E seria então que toda aquela força, toda aquela raiva se tornaria num punhal apontado ao coração de Saetan.

Todos os seus planos cuidadosamente elaborados estavam à beira da ruína porque...

Hekatah parou bruscamente.

Somente silêncio no silêncio da noite.

Olhou para as tochas apagadas nas paredes e decidiu não as acender. O luar era suficiente para ver.

Não querendo despender as suas energias num escudo de visão, Hekatah escondeu-se num recanto sombrio. Logo que entrasse na sala do Altar, estaria por detrás dele, permitindo que o surpreendesse com a sua presença.

Aguardou. Quando já julgava ter-se enganado, ali estava ele, sem aviso, à entrada do portão em ferro forjado, olhando fixamente para o Altar. Mas não entrou na sala.

Franzindo o sobrolho, Hekatah virou ligeiramente a cabeça para olhar para o Altar. Estava tal como deveria estar. O candelabro estava sem brilho e a cera das velas negras que tinha queimado com tanto cuidado

para que não parecessem recentes, pendiam como estalactites dos braços em prata.

Receando que Daemon se fosse embora, Hekatah aproximou-se do portão em ferro forjado. — Estava à vossa espera, Príncipe.

— Estáveis? — A sua voz parecia entorpecida, extenuada.

Perfeito.

— É a vós que devo agradecer pelos demónios nos outros Altares? — perguntou.

Como poderia saber que era uma demónia? Saberia quem ela era? De repente, deixou de se sentir confiante para lidar com este filho que era demasiado como o seu pai, contudo, abanou a cabeça pesarosamente. — Não, Príncipe. No Inferno, só existe um poder capaz de dominar os demónios. Estou aqui porque tinha uma jovem amiga que era muito especial para mim. Uma amiga, creio, que tínhamos em comum. É por isso que vos aguardava.

Fogo do Inferno! Não poderia existir uma *qualquer* expressão naqueles olhos que lhe indicasse se estava a conseguir chegar até ele?

— Jovem é um termo relativo, não achais?

Estava a *brincar* com ela! Hekatah cerrou os dentes. — Uma criança, Príncipe. Uma criança especial. — Forçou-se a aplicar um tom de súplica na voz. — Esperei aqui correndo grande risco. Se o Senhor Supremo descobrir que tentei dizer aos amigos dela... — Olhou de relance para a parede por detrás do Altar.

Permanecia a inexistência de qualquer tipo de reacção da parte do homem do outro lado do portão.

— Caminha entre as *cildru dyathe* — disse Hekatah.

Um longo silêncio. — Não é possível — disse Daemon por fim. A sua voz não apresentava variações, era completamente destituída de emoções.

— É *verdade*. — Estaria errada em relação a ele? Estaria apenas a tentar escapar de Dorothea? Não. Nutria sentimentos pela rapariga. Hekatah suspirou. — O Senhor Supremo é um homem ciumento, Príncipe. Não partilha aquilo que reivindica para si próprio — especialmente se o que reivindicar for um corpo de uma fêmea. Ao descobrir o afecto da rapariga por outro macho, nada fez para evitar que fosse violada. E podia tê-lo feito, Príncipe. *Podia*. A rapariga conseguiu escapar. Com o tempo e com ajuda, ter-se-ia restabelecido. Mas o Senhor Supremo não queria que ela recuperasse, por isso, sob pretexto de que a ajudaria, fez uso de outro macho para terminar o que já tinha sido iniciado. Destruiu-a completamente. O corpo morreu e a mente foi dilacerada. Agora é um bichinho de estimação morto e de olhar vazio com o qual ele brinca.

Hekatah levantou os olhos e quis gritar de frustração. Teria ouvido



alguma coisa do que disse? — Deveria pagar pelo que fez — disse, estri-dentemente. — Se possuídes coragem suficiente para o enfrentar, poderei abrir-vos o Portão. Quem se recordar do que ela poderia ter sido deveria exigir uma paga pelo que ele fez.

Durante muito tempo, Daemon ficou a olhar para ela. Por fim, voltou-se e partiu.

Praguejando, Hekatah começou a andar de um lado para o outro. Por que não tinha dito uma única palavra? Era uma história verosímil. Oh, sabia que Daemon fora acusado da violação, mas sabia também que não era verdade. E não estava totalmente convencida de que *ele* estivera no Altar de Cassandra nessa noite. Todos os machos que juraram tê-lo visto tinham vindo de Briarwood. Poderiam ter feito essa afirmação para que as Rainhas de Chaillot não os investigassem a *eles*. Certamente...

Um grito estilhaçou a noite.

Hekatah sobressaltou-se, abalada pelo som horrível. Besta, animal, humano. Nenhum destes e todos. O que quer que produzisse um som assim...

Hekatah acendeu rapidamente as velas negras e aguardou com impaciência que a parede se transformasse em nevoeiro. Imediatamente antes de transpor o Portão, lembrou-se de que não ficaria ninguém para apagar as velas, fechando, desta forma, a entrada para os outros Reinos. Se aquela coisa...

Hekatah ergueu a mão e trancou o portão em ferro forjado com a Vermelha.

Outro grito rompeu pela noite.

Hekatah transpôs rapidamente o Portão. Poderia ser uma demónia mas não desejava que aquilo a seguisse para o Reino das Trevas.

As palavras rodopiavam à volta, rompendo-lhe a mente, rompendo-lhe a alma.

A névoa cinzenta dissipou-se, deixando ver um Altar das Trevas.

Sangue. Tanto sangue.

*... fez uso de outro macho...*

O mundo estilhaçou-se.

*És o meu instrumento.*

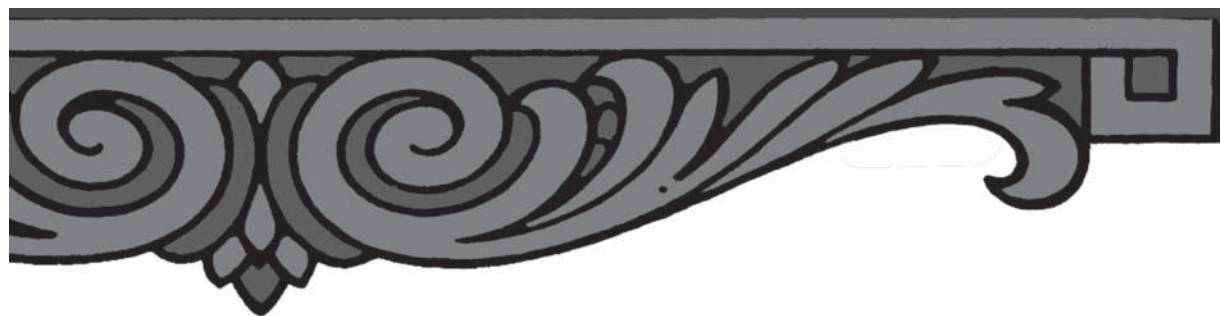
A sua mente estilhaçou-se.

*...destruiu-a completamente.*

Gritando em agonia, fugiu pela bruma, através de uma paisagem banhada em sangue e repleta de cálices de cristal estilhaçados.

*As palavras mentem. O sangue não.*

Voltou a gritar, tombando na paisagem interior estilhaçada a que os plebeus chamam loucura e a que os Sangue chamam Reino Distorcido.



## CAPÍTULO TRÊS

### 1 / Kaeleer

Karla, Rainha glaciana de quinze anos, deu uma cotovelada nas costelas do primo. — Quem é aquela?

Morton deu uma olhadela para onde o queixo ligeiramente levantado de Karla apontava, voltando a observar os jovens Senhores da Guerra que se reuniam numa das extremidades do salão de banquetes. — É a nova amante do Tio Hobart.

Karla examinou a jovem feiticeira através de olhos semicerrados e de um azul gélido. — Não parece muito mais velha do que eu.

— Não é — disse Morton sinistramente.

Karla entrelaçou o braço ao do primo, confortando-se nessa proximidade.

A sociedade glaciana tinha começado a mudar depois do “acidente” que matou os seus pais e os de Morton há seis anos atrás. Um grupo de machos da aristocracia tinha formado de imediato um conselho de machos “pelo bem do Território” – um conselho liderado por Hobart, um Senhor da Guerra de Jóia Amarela, que era um parente distante de seu pai.

Todas as Rainhas das Províncias, após terem recusado tornar-se testas-de-ferro do conselho, tinham-se também recusado reconhecer a Rainha de uma pequena povoação que o conselho tinha, por fim, escolhido para governar o Território. A sua recusa tinha fracturado Glacia, mas, ao mesmo tempo, tinha evitado que o conselho de machos se tornasse demasiado poderoso ou demasiado eficiente na execução dos “ajustes” à sociedade glaciana.

Ainda assim, após seis anos, pairava uma sensação incómoda no ar, uma impressão de que algo estava errado.

Karla não possuía muitos amigos. Era uma Rainha perspicaz e de língua afiada, cuja Jóia de Direito por Progenitura era a Azul-Safira. Era também Viúva Negra natural e Curandeira. Porém, dado que o Senhor Hobart

era agora o chefe de família, passava muito do seu tempo de convívio social com as filhas de outros membros do conselho de machos – e o que essas raparigas diziam eram indecente: as feiticeiras respeitáveis submetem-se aos machos mais sensatos e mais cultos; os machos dos Sangue não deveriam ter de servir ou de se submeter a Rainhas visto que são o género mais forte: a única razão pela qual as Rainhas e as Viúvas Negras pretendem o poder de controlar os machos é porque são incapazes de se tornar verdadeiras mulheres, quer a nível sexual quer a nível emocional.

Indecente. E terrível.

Quando era mais nova, tinha-se perguntado por que razão as Rainhas das Províncias e as Viúvas Negras se tinham contentado com um impasse em vez de lutarem.

*Glacia está encerrada num Inverno frio e sombrio, tinham-lhe dito as Viúvas Negras. Temos de fazer o que for possível para nos mantermos fortes até à chegada da Primavera.*

Mas conseguiriam elas aguentar durante mais cinco anos até que ela atingisse a maioridade? Chegaria ela a atingir a maioridade? A morte da sua mãe e da sua tia não tinham sido um acidente. Alguém tinha eliminado a Rainha e a Viúva Negra mais poderosas de Glacia, deixando o território vulnerável a... quê?

Jaenelle poderia ter-lhe dito, mas Jaenelle...

Karla conteve a raiva azeda que, ultimamente, tinha vindo a ferver em lume brando demasiadamente junto à superfície. Forçando-se a desviar a atenção das reminiscências, examinou a amante de Hobart, dando novamente uma cotovelada nas costelas de Morton.

— Para lá com isso — ralhou Morton.

Karla ignorou-o. — Por que razão usa um casaco de peles dentro de casa?

— Foi o prémio de consumação do Tio Hobart.

Tocou com a ponta dos dedos no cabelo curto e eriçado, de um tom louro esbranquiçado. — Nunca vi pele como aquela. Não é de urso branco.

— Acho que é gato arceriano.

— Gato arceriano? — Não podia ser. A maioria dos glaciaños não caçava em Arceria pois os felinos eram grandes e ferozes predadores e as probabilidades de um caçador não se tornar em presa eram inferiores a cinquenta por cento. Além disso, havia algo de *errado* naquela pele. Podia senti-lo mesmo à distância a que se encontrava. — Vou apresentar os meus cumprimentos.

— Karla. — O aviso na voz de Morton não dava azo a enganar.

— Beijinho, beijinho. — Sorriu perversamente e deu-lhe um abraço

afectuoso antes de se dirigir ao grupo de mulheres que admiravam o casaco.

Foi fácil imiscuir-se discretamente entre as mulheres. Algumas repararam nela mas estavam mais interessadas na tagarelice sussurrada da rapariga – Karla não conseguia chamar-lhe Irmã.

— ... caçadores de um lugar longínquo — disse a rapariga.

— Tenho uma gola feita em pele arceriana, mas não é tão magnificente como esta — disse, cheia de inveja, uma das mulheres.

— Estes caçadores descobriram uma nova forma de recolher a pele. Disse-me o Hobie depois de... — Deu umas risadinhas abafadas.

— Como?

— É segredo.

Murmúrios de persuasão.

Hipnotizada pela pele, Karla tocou-lhe no preciso momento em que a rapariga voltou a dar umas risadinhas, dizendo:

— Esfolam o gato *vivo*.

Retirou a mão de supetão, tolhida pelo choque. *Vivo*.

E alguma da energia do ser que tinha vivido naquela pele ainda ali permanecia. Era isso que a tornava tão magnificente.

Uma feiticeira. Uma dos Sangue a quem Jaenelle apelidava de parentes.

Karla oscilou. Tinham chacinado uma feiticeira.

Abriu caminho, empurrando as mulheres do grupo e caminhou aos tropeções em direcção à porta. Passado um momento, Morton estava a seu lado, com um braço à volta da cintura de Karla. — Lá para fora — arquejou.

— Acho que vou vomitar.

Logo que saíram para o exterior, Karla engoliu em seco o ar frio do Inverno e começou a chorar.

— Karla — murmurou Morton, abraçando-a bem junto a si.

— Era uma feiticeira — soluçou Karla. — Era uma feiticeira e esfolaram-na viva para que aquela cabrazinha pudesse...

Sentiu o calafrio que percorria Morton, que a apertou ainda com mais força, como se a pudesse proteger. E *tentaria* protegê-la por isso Karla não lhe podia transmitir o perigo que sentia sempre que o Tio Hobart olhava para ela. Com dezasseis anos, Morton tinha agora iniciado a sua educação formal na corte. Era a única verdadeira família que lhe restava – e o único amigo que lhe restava.

A raiva azeda ferveu sem aviso prévio.

— Passaram dois anos! — Empurrou Morton até este a largar. — Está em Kaeleer há dois anos e não nos veio visitar uma única vez! — Começou a caminhar furiosamente.

— As pessoas mudam, Karla — disse Morton, com cautela. — Os amigos nem sempre se mantêm amigos.

— Mas não Jaenelle. Não comigo. O cabrão maléfico no Paço dos SaDiablo mantém-na acorrentada, de alguma forma. Eu sei, Morton. — Bateu no peito com tanta força que Morton estremeceu. — Cá dentro, eu sei.

— O Conselho das Trevas nomeou-o tutor legal...

Karla atacou-o. — Não me venhas falar de tutores, Senhor Morton — silvou. — Eu conheço bem os ‘tutores’.

— Karla — disse Morton debilmente.

— Karla — imitou amargamente. — É sempre ‘Karla’. A Karla é quem está fora de controlo. É a Karla que está a ficar emocionalmente instável devido à aprendizagem na Assembleia da Ampulheta. É a Karla que anda exageradamente emotiva, exageradamente agressiva, exageradamente irascível. Foi a Karla que abandonou todos aqueles encantadores modos afetados que os machos acham atraentes.

— Os machos não acham que...

— E é a Karla que vai esventrar o próximo filho de uma grande puta que tentar meter a mão ou o seja o que for entre as suas pernas!

— *O quê?*

Karla virou-se de costas para Morton. Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas. Não pretendia dizer aquilo.

— É por isso que cortaste assim o cabelo depois de o Tio Hobart ter insistido para que regressasses para a propriedade da família? É por isso que queimaste todos os teus vestidos e começaste a usar as minhas roupas antigas? — Morton agarrou-lhe no braço, voltando-a de frente para si. — É isso?

Os olhos de Karla encheram-se de lágrimas. — Uma feiticeira quebrada é uma feiticeira condescendente — disse baixinho. — Não é verdade, Morton?

Morton abanou a cabeça. — Tu usas a Azul-Safira por Direito de Progenitura. Não existem machos em Glacia que usem Jóias mais escuras do que a Verde.

— Um macho dos Sangue pode contornar a força de uma feiticeira se aguardar pelo momento certo e se for auxiliado.

Morton praguejou baixinho, rancorosamente.

— E se for essa a razão pela qual Jaenelle já não nos vem visitar? E se ele lhe fez o mesmo que o Tio Hobart me quer fazer?

Morton afastou-se de Karla. — Surpreende-me que ainda toleres a minha presença junto a ti.

Karla quase conseguia discernir as feridas que a verdade tinha aberto

no coração de Morton. Nada podia fazer relativamente à verdade, mas *podia* fazer algo em relação às feridas. — És família.

— Sou macho.

— És o Morton. A excepção à regra.

Morton hesitou para depois abrir os braços. — Vai um abraço?

Jogando-se nos seus braços, Karla abraçou-o tão fortemente quanto ele a abraçou a ela.

— Ouve — disse Morton, com a voz rouca. — Escreve uma carta ao Senhor Supremo e pergunta-lhe se Jaenelle pode vir visitar-te. Solicita uma resposta.

— O Peido Velho nunca permitirá que envie um mensageiro ao Paço dos SaDiablo — resmungou Karla no ombro de Morton.

— O Tio Hobart não ficará a saber. — Morton respirou fundo. — Eu próprio irei entregar a carta e aguardarei uma resposta.

Antes que Morton lhe pudesse oferecer um lenço, Karla recuou, fungou e limpou a cara na camisa que tinha tirado do guarda-fatos do rapaz. Fungou uma vez mais e pôs de lado emoções medíocres.

— Karla — disse Morton, observando-a nervosamente. — Irás escrever uma carta *amável*, não é?

— Serei o mais amável possível — garantiu-lhe.

Morton resmungou.

Oh, sim. Iria escrever ao Senhor Supremo. E, de uma forma ou de outra, obteria a resposta que pretendia.

*Por favor, Doces Trevas. Sê novamente minha amiga. Tenho saudades tuas. Preciso de ti.* Reunindo as forças das Jóias Azul-Safira, Karla lançou uma palavra às Trevas. \*Jaenelle!\*

— Karla? — chamou Morton, tocando-lhe no braço. — O banquete está quase a começar. Temos de comparecer, nem que seja por pouco tempo.

Karla estava imóvel, nem sequer se atrevendo a respirar. \*Jaenelle?\*

Passaram-se segundos.

— Karla? — chamou Morton.

Karla inspirou profundamente e expirou a sua desilusão. Entrelaçou o braço no braço que Morton lhe oferecia e regressou ao salão de banquetes.

Morton manteve-se junto a Karla durante o resto do serão e ela agradeceu a companhia. Porém, teria trocado o seu carinho e a sua protecção num instante se aquele débil, mas tão obscuro toque psíquico que imaginara, fosse real.

## 2 / Kaeleer

Quando Andulvar Yaslana se instalou na cadeira defronte da secretária em madeira escura no gabinete público de Saetan, este levantou os olhos da carta para a qual tinha estado a olhar pasmado na última meia hora. — Lê isto — disse, passando-a a Andulvar.

Enquanto Andulvar lia a carta, Saetan contemplava com lassidão as pilhas de papéis na secretária. Tinham passado vários meses desde que tinha pisado o Paço pela última vez e ainda mais tempo desde que tinha concedido audiências às Rainhas que governavam as Províncias e os Concelhos no seu Território. O seu filho mais velho, Mephis, geria os assuntos oficiais de Dhemplan da melhor forma que conseguia, tal como o tinha vindo a fazer há séculos, mas o restante...

— *Carcaça chupadora de sangue?* — exclamou Andulvar atabalhoadamente.

Saetan observou ligeiramente divertido enquanto Andulvar rosnava ao ler o resto da carta. Não tinha achado graça nenhuma ao lê-la pela primeira vez, mas a assinatura e a caligrafia de adolescente tinham mitigado a sua fúria – e adicionado outra camada à sua mágoa.

Andulvar mandou a carta para cima da secretária. — Quem é Karla e como se atreve a escrever-te algo assim?

— Pois não só se atreve como aguarda uma resposta pelo mensageiro. Andulvar resmoneou algo cruel.

— E quem ela é... — Saetan invocou a pasta de arquivo que, normalmente, mantinha fechada à chave no seu gabinete privado, por baixo do Paço. Folheou as páginas repletas das suas próprias anotações e entregou uma a Andulvar.

Os ombros de Andulvar descaíram ao lê-la. — Maldição.

— Pois. — Saetan voltou a colocar a folha na pasta, fazendo-a desaparecer.

— O que irás dizer?

Saetan recostou-se na cadeira. — A verdade. Ou parte dela. Consegui manter o Conselho das Trevas à distância durante dois anos, negando-lhes os pedidos, que não deixavam de ser sensatos, para verem Jaenelle. Não apresentei qualquer explicação para tal recusa, deixando que pensassem o que quisessem – e tenho consciência do que optaram por julgar. Mas os amigos dela? Até agora eram muito jovens, ou talvez não fossem suficientemente corajosos, para questionarem o que lhe teria acontecido. Agora, começaram a questionar. — Endireitou a cadeira e chamou Beale, o Senhor da Guerra de Jóia Vermelha que trabalhava como mordomo do Paço.



— Traz o mensageiro à minha presença — ordenou Saetan quando Beale surgiu.

— Devo sair? — perguntou Andulvar, mantendo-se na mesma posição.

Saetan encolheu os ombros, preocupado com a forma como iria compor a resposta. Não tinha havido muito contacto entre Dhemlan e Glacia nos últimos anos, mas tinha ouvido o suficiente sobre o Senhor Hobart e as suas ligações à Pequena Terreille para que decidisse que a resposta seria verbal em vez de escrita.

Há muitos séculos atrás, a Pequena Terreille tinha sido povoada por terreilleanos que ansiavam recomeçar uma nova vida numa nova terra. Apesar da avidez, as pessoas nunca se tinham sentido à vontade com as raças nascidas no Reino das Sombras. Por isso, ainda que a Pequena Terreille fosse um Território em Kaeleer, tinha procurado companhia e orientação no Reino de Terreille – e ainda assim acontecia, embora a maior parte dos terreilleanos já não acreditasse que Kaeleer existisse visto que o acesso a este Reino fora restringido durante tanto tempo. O que significava que qualquer companhia e orientação oriundas de Terreille tinham agora origem em Dorothea, de uma forma ou de outra – e essa era razão suficiente para ficar desconfiado.

Saetan e Andulvar trocaram rápidos olhares quando Beale conduziu o mensageiro ao gabinete.

Andulvar enviou um pensamento por um fio Vermelho masculino. \*É muito novo para ser mensageiro oficial.\*

Concordando em silêncio com a apreciação de Andulvar, Saetan ergueu a mão direita. Uma cadeira flutuou do sítio onde se encontrava, junto à parede, vindo pousar à frente da secretária. — Faz o favor de te sentares, Senhor da Guerra.

— Obrigado, Senhor Supremo. — O jovem tinha a pele clara, o cabelo louro e os olhos azuis típicos do povo de Glacia. Apesar da juventude, movimentava-se com o tipo de segurança habitualmente presente nas famílias da aristocracia e reagia com uma tal confiança relativamente ao Protocolo que indicava uma educação na corte.

*Não é o mensageiro típico, pensou Saetan enquanto observava o jovem a esforçar-se por controlar a vontade de se remexer. Ora então porque estás aqui, rapazote?*

— O meu mordomo deve estar a ter um dia difícil uma vez que se esqueceu de te apresentar quando entraste — disse Saetan calmamente. Juntou os dedos das mãos, pousando no queixo as longas unhas, tingidas a negro.

O jovem ficou ligeiramente pálido ao ver o anel com a Jóia Negra. Humedeceu os lábios. — Chamo-me Morton, Senhor Supremo.

*Agora já não tens assim tanta certeza de que o Protocolo te irá proteger,*

*pois não, rapazote?* Saetan não permitiu que o seu divertimento transparecesse. Se este rapaz fosse abordar um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia escura, era melhor que aprendesse desde já quais eram os potenciais perigos. — E a quem serves?

— Eu... eu ainda não sirvo bem numa corte.

Saetan levantou uma sobrancelha. — Prestas serviço ao Senhor Hobart? — perguntou, soando um pouco mais frio.

— Não. Ele é apenas o chefe de família. É um género de tio.

Saetan pegou na carta e entregou-a a Morton. — Lê isso. — Enviou um pensamento a Andulvar. \*Qual é o jogo? O rapaz não tem experiência suficiente para...\*

— Nããã — gemeu Morton. A carta esvoaçou para o chão. — Prometeu-me que seria amável. Eu disse-lhe que ficaria a aguardar uma resposta e ela prometeu. — Corou, para, logo de seguida, empalidecer. — Vou estrangulá-la.

Mediante a Arte, Saetan recuperou a carta. As dúvidas que tivesse tido sobre a motivação tinham sido esclarecidas, mas tinha curiosidade em saber a razão pela qual a questão estava a ser levantada neste preciso momento. — Até que ponto conheces Karla?

— É minha prima — respondeu Morton, num tom melindrado de macho arreliado.

— Tens a minha solidariedade — disse Andulvar, ouvindo-se o rumorejo das asas negras ao mexer-se na cadeira.

— Agradeço-vos, senhor. É melhor quando a Karla gosta de nós do que quando não gosta, no entanto... — Morton encolheu os ombros.

— Sim — disse Saetan friamente. — Tenho uma amiga que produz um efeito semelhante em mim. — Riu-se entre dentes perante o olhar de espanto de Morton. — Rapazote, mesmo para mim, uma feiticeira complicada não se torna menos complicada.

\*Especialmente uma Harpia Dea al Mon\* enviou Andulvar, divertido. \*Já estás recuperado do teu último esforço em se mostrar prestável?\*

\*Se vais ficar aí sentado, sê útil\* ripostou Saetan.

Andulvar virou-se para Morton. — E a tua prima manteve a promessa? — Ao ver que o rapaz o olhava com uma expressão vazia, acrescentou:

— Estava a ser amável?

As pontas das orelhas de Morton ficaram vermelhas. Encolheu os ombros, impotente. — Sendo a Karla... acho que sim.

— Oh, Mãe Noite — murmurou Saetan. De repente, um pensamento abateu-se sobre si, fazendo com que se engasgasse. Fez uso do tempo necessário à recuperação do fôlego para considerar algumas possibilidades bastante desagradáveis.

Quando, por fim, recuperou o controlo, escolheu as palavras com todo o cuidado. — Senhor Morton, o teu tio não sabe que estás aqui, pois não? — O olhar nervoso de Morton era resposta suficiente. — Onde julga que estás?

— Noutro sítio.

Saetan estudou Morton, fascinado pela imperceptível mudança no seu porte. Já não era um jovem intimidado pelo ambiente onde se encontrava nem pelos machos que enfrentava, era um Senhor da Guerra que protegia a sua jovem Rainha. *Estás enganado, rapazote*, pensou Saetan. *Já escolheste aquela a quem serves.*

— Karla... — Morton reuniu os seus pensamentos. — Não é fácil para ela. Usa a Azul-Safira de Direito por Progenitura e é Rainha e Viúva Negra natural, bem como Curandeira, e o Tio Hobart...

Saetan ficou tenso face ao rancor nos olhos azuis de Morton.

— Ela e o Tio Hobart não se dão muito bem — concluiu Morton de modo pouco convincente, desviando o olhar. Quando voltou a olhar para Saetan, parecia tão novo e vulnerável. — Eu sei que a Karla quer que ela a venha visitar tal como dantes, mas não poderia Jaenelle escrever-lhe uma curta mensagem? Só para dizer olá?

Saetan fechou os olhos dourados. *Tudo tem um preço*, pensou. *Tudo tem um preço*. Respirou fundo e abriu os olhos. — Desejo verdadeiramente, com todo o meu ser, que ela o pudesse fazer. — Respirou fundo, uma vez mais. — O que te vou dizer não pode passar além da tua prima. Tenho de ter o teu compromisso de silêncio.

De imediato, Morton acenou com a cabeça em sinal de concordância.

— Jaenelle foi seriamente ferida há dois anos atrás. Não pode escrever, não lhe é possível comunicar seja de que forma for. Ela... — Saetan parou, prosseguindo ao sentir que conseguia manter a voz estável. — Não reconhece ninguém.

Morton pareceu agoniado. — Como? — sussurrou, por fim.

Saetan procurou a resposta certa. A alteração na expressão de Morton indicou-lhe que não necessitava de se ter dado ao trabalho. O rapaz compreendera o silêncio.

— Então a Karla tinha razão — disse Morton, com azedume. — Um macho não tem de ser assim tão forte se escolher a altura certa.

Saetan endireitou-se de repente na cadeira. — Está Karla a ser pressionada para se entregar a um macho? Com *quinze* anos?

— Não. Não sei. Talvez. — As mãos de Morton cerraram-se nos braços da cadeira. — Estava em segurança quando vivia com as Viúvas Negras, mas agora que regressou à propriedade da família...

— Fogo do Inferno, rapaz! — bramiu Saetan. — Mesmo que não se entendam, por que razão o teu tio não a protege?

Morton mordeu o lábio, nada dizendo.

Estupefacto, Saetan afundou-se novamente na cadeira. Não aqui, também. Não em Kaeleer. Será que aqueles tolos não compreendiam o que se perdia quando se destruía uma Rainha daquela forma?

— Agora tens de ir — disse Saetan, com delicadeza.

Morton acenou afirmativamente com a cabeça e levantou-se para sair.

— Transmite uma outra mensagem a Karla. Caso necessite, conceder-lhe-ei refúgio no Paço e dar-lhe-ei a minha protecção. E a ti também.

— Agradeço-vos — disse Morton. E saiu, depois de fazer uma vénia a Saetan e a Andulvar.

Saetan agarrou na bengala de ponta prateada e coxeou para a porta.

Andulvar alcançou-a em primeiro lugar, encostando a mão para a manter fechada. — O Conselho das Trevas bradará pelo teu sangue se concederes protecção a outra rapariga.

Saetan nada disse durante muito tempo. Depois, sorriu para Andulvar de uma forma puramente maléfica. — Se o Conselho das Trevas for tão mal orientado a ponto de acreditar que Hobart é melhor tutor do que eu, então merecem ver alguns dos pontos de referência mais inusitados do Inferno, não crês?

### 3 / O Reino Distorcido

Não sentia qualquer dor física, porém a agonia era inexorável.

*As palavras mentem. O sangue não.*

*És o meu instrumento.*

*Cabrão carniceiro.*

Vagueou por uma paisagem enevoadada repleta de memórias estilhaçadas, cálices de cristal estilhaçados, sonhos estilhaçados.

Por vezes, ouvia um grito de desespero.

Por vezes, via de relance uma rapariga com longos cabelos louros que fugia dele. Seguia-a sempre, desesperado por conseguir alcançá-la, aflito por explicar...

Não conseguia lembrar-se do que precisava de explicar.

Não tenhas medo, gritava-lhe. Por favor, não tenhas medo.

Contudo, ela continuava a correr e ele continuava a segui-la através de uma paisagem repleta de estradas tortuosas que terminavam em nenhures e cavernas cobertas de ossadas e salpicadas de sangue.

Para baixo, sempre para baixo.

Seguia-a, suplicando continuamente para que esperasse por ele, implorando continuamente para que não tivesse medo, sempre na esperança de ouvir o som da sua voz, ansiando incessantemente ouvi-la pronunciar o seu nome.

Se ao menos se conseguisse lembrar.

#### 4 / Inferno

Hekatah compôs cuidadosamente as pregas do manto comprido enquanto aguardava que os guardas demónios trouxessem o rapaz *cildru dyathe* à sua presença. Suspirou, satisfeita, ao afagar o forro em pele do manto. Pele arciana. A pele de um Senhor da Guerra. Podia sentir a raiva e o sofrimento encurralados naquele couro.

Os parentes. Os Sangue quadrúpedes. Comparados aos humanos, possuíam mentes simples sem capacidade para conceber a grandiosidade ou a ambição, contudo, eram protectores ferozes quando dedicavam a sua lealdade a alguém – e igualmente ferozes se essa lealdade fosse traída.

Cometera alguns pequenos erros da última vez que tentara tornar-se a Sacerdotisa Suprema de todos os Reinos, erros esses que lhe tinham custado a guerra entre Terreille e Kaeleer há 50.000 anos atrás. Um dos erros fora subestimar a força dos Sangue que viviam no Reino das Sombras. O outro erro foi subestimar os parentes.

Uma das suas primeiras acções, depois de ter recuperado do choque de ser demónia-morta, foi exterminar os parentes em Terreille. Alguns fugiram e conseguiram sobreviver, mas não em número suficiente. Tiveram de procriar com animais plebeus e, ao longo do tempo, o cruzamento das raças diferentes produziu, provavelmente, algumas criaturas próximas dos Sangue mas que nunca chegarão a ter força suficiente para usar uma Jóia.

Todavia, os parentes selvagens em Kaeleer retiraram-se para os seus próprios Territórios logo após a guerra e teceram inúmeros feitiços de protecção às fronteiras. Quando as fortes defesas enfraqueceram o suficiente para que alguém conseguisse sobreviver ao ultrapassá-las, os parentes tinham-se tornado pouco mais do que mitos.

Hekatah começou a andar de um lado para o outro. Fogo do Inferno! Quanto tempo seria necessário para dois homens crescidos apanharem um rapaz?

Passado um minuto, parou e voltou a compor as pregas do manto. Não poderia permitir que o rapaz detectasse qualquer indício da impac-

ência que sentia. Poderia torná-lo obstinado. Afagou o forro em pele do manto, deixando que o toque a acalmasse.

Ao longo dos séculos em que aguardou que Terreille voltasse a tornar-se num prêmio condigno, tinha ajudado o Território da Pequena Terreille a manter o contacto com o Reino de Terreille. Mas foi somente nos anos mais recentes que estabeleceu uma posição segura em Glacia através da ambição do Senhor Hobart.

Tinha escolhido Glacia pois era um Território do Norte cujo povo poderia ser isolado mais facilmente dos Sangue de outros Territórios; aí vivia Hobart, um macho cujas ambições eram superiores às suas capacidades; e possuía um Altar das Trevas. Assim sendo, pela primeira vez desde há muito, possuía um Portão ao seu dispor e uma forma de infiltrar em Kaeleer machos criteriosamente escolhidos que se dedicariam à caça de presas estimulantes.

Não era esse o único joguinho que estava a jogar em Kaeleer, porém os outros exigiam tempo e paciência – e a garantia de que, desta vez, nada interferiria com as suas ambições.

E era por isso que se encontrava aqui, na ilha das *cildru dyathe*.

Estava prestes a questionar a lealdade dos guardas demónios quando, por fim, regressaram, arrastando um rapaz que se debatia. Rogando pragas enfurecidas, encurralaram o rapaz contra um grande pedregulho, liso de um dos lados.

— Não o magoem — advertiu Hekatah.

— Sim, Sacerdotisa — respondeu um dos guardas, carrancudo.

Hekatah examinou o rapaz, que lhe devolveu o olhar fixo. Char, o jovem Senhor da Guerra líder das *cildru dyathe*. Não era difícil perceber como tinha adquirido essa designação. De que forma teria conseguido salvar do fogo tanto do seu corpo? Deveria ser possuidor de grande talento na Arte para alguém tão jovem. Hekatah deveria ter percebido esse facto há sete anos quando se meteu com ele pela primeira vez. Bem, poderia agora corrigir, facilmente, esse equívoco.

Hekatah aproximou-se devagar, apreciando a cautela nos olhos do rapaz. — Não pretendo fazer-te mal, Senhor da Guerra — trauteou. — Necessito, simplesmente, da tua ajuda. Sei que Jaenelle caminha entre as *cildru dyathe*. Quero vê-la.

O que restava dos lábios de Char formou um sorriso maldoso. — Nem todas as *cildru dyathe* estão nesta ilha.

Os olhos dourados de Hekatah dardejaram de fúria. — Mentos. Invoca-a. *Agora!*

— O Senhor Supremo está a caminho. — disse Char. — Chegará a qualquer momento.

— Porquê? — perguntou Hekatah.

— Porque eu o mandei chamar.

— *Porquê?*

Os olhos de Char iluminaram-se com uma luz invulgar. — Ontem vi uma borboleta.

Hekatah queria gritar de frustração. Ao invés, ergueu a mão, com os dedos curvados como uma garra. — Se prezas os olhos, Senhorzinho da Guerra, invocarás Jaenelle *agora*.

Char fitou-a. — Quereis realmente vê-la?

— SIM!

Char inclinou a cabeça para trás e produziu uma estranha e selvagem ululação.

Enervada pelo som, Hekatah esbofeteou-o para que parasse.

— HEKATAH!

Hekatah fugiu da fúria na voz retumbante de Saetan. Ao olhar de relance para trás por cima do ombro, deteve-se, com uma excitação pasmada que lhe fazia crepitar os nervos.

Saetan apoiava-se fortemente numa bengala de ponta prateada com os olhos dourados a brilharem de raiva. O espesso cabelo negro estava mais grisalho e o seu rosto encontrava-se tenso de exaustão. Parecia... consumido.

E usava apenas a Jóia Vermelha de Direito por Progenitura.

Nem precisou do tempo necessário a uma rápida descida para reunir toda a sua força. Simplesmente levantou a mão e libertou o poder no anel com a Jóia Vermelha, direccionado à perna debilitada de Saetan.

O grito de dor ao cair foi o som mais satisfatório que ouvira nos últimos anos.

— Agarrem-no! — gritou aos demónios.

Um vento frio e suave suspirou pela ilha.

Os guardas hesitaram momentaneamente, mas quando Saetan tentou erguer-se sem êxito, desembainharam as facas e correram na sua direcção.

O chão estremeceu ligeiramente. Uma névoa rodopiou à volta das rochas, pelas terras áridas.

Hekatah correu também para Saetan, desejando ver as facas a golpear bem fundo, ansiando por ver o sangue de Saetan a correr. O sangue de um Guardiã! A excelência, o vigor aí contido! Deliciar-se-ia nele para depois se ocupar daquele demoniozinho arrogante.

Do abismo surgiu um uivo, um som repleto de júbilo e de dor, de raiva e de celebração.

Foi então que a ilha das *cildru dyathe* foi inundada por uma onda de poder negro. Relâmpagos psíquicos pegaram fogo ao céu crepuscular do



Inferno. Trovões fizeram estremecer a terra. Os uivos continuaram incessantemente.

Hekatah deixou-se cair no chão, encolhendo-se o mais que conseguiu.

Os seus demónios gritaram numa agonia desesperante.

*Vai-te embora*, implorou Hekatah em silêncio. *O que quer que sejas, vai-te embora.*

Algo gélido e terrível roçou-lhe as barreiras interiores e Hekatah esvaziou a mente.

Quando se desvaneceu, também a tempestade de feiticeira se tinha desvanecido.

Hekatah sentou-se com esforço. A garganta agitava-se convulsivamente ao ver o que tinha restado dos demónios.

Não havia vestígios de Saetan nem de Char.

Hekatah levantou-se devagar. Teria sido Jaenelle – ou o que restava de Jaenelle? Talvez *não fosse cildru dyathe*. Talvez se tivesse dissipado de demónio em fantasma e tudo o que restava era aquele poder incorpóreo.

Ainda bem que a rapariga estava morta, pensava Hekatah ao apanhar um Vento Branco e viajar de volta para o edifício em pedra que reclamava como seu. Ainda bem que o que quer que restasse de Jaenelle estava circunscrito ao Reino das Sombras. Tentar controlar aquele poder bárbaro... Ainda bem que a rapariga estava morta.

A dor envolvia-o, preenchia-o. A cabeça parecia ter sido forrada com cobertores. Tacteu e caminhou, desesperado por alcançar as vozes abafadas que ouvia à sua volta: a voz cavernosa e irritada de Andulvar, a aflicção de Char.

Fogo do Inferno! Por que razão estavam para ali sentados? Pela primeira vez em dois anos, Jaenelle tinha respondido ao chamamento de alguém. Porque não estavam a tentar mantê-la ao alcance?

Porque Jaenelle estava a deslizar pelo abismo demasiado profundamente para que alguém, a não ser ele próprio, sentisse a sua presença. Porém, não podia simplesmente descer ao nível da Negra e invocá-la. Tinha de se encontrar fisicamente junto a ela, tinha de estar com ela para a persuadir a manter-se no seu corpo.

— Por que é que a tempestade de feiticeira o atingiu tão gravemente? — perguntou Char, receoso.

— Porque é um idiota — resmoneou Andulvar em resposta.

Saetan redobrou os esforços para atravessar as camadas que o envolviam só para poder rosar a Andulvar. Talvez *estivesse* a canalizar demasiada energia Negra não dando ao corpo a oportunidade de recuperar. Talvez



tivesse sido insensato por não ter aceitado sangue fresco para manter as forças. Contudo, isso não dava o direito a um guerreiro eyrieno de ser um Curandeiro teimoso e enervante.

Jaenelle tê-lo-ia pressionado até ceder.

Jaenelle. Tão próxima. Poderia não voltar a ter outra oportunidade.

Debateu-se com mais tenacidade. *Ajuda-me. Tenho de alcançá-la. Tens de me* — ajudar.

— Senhor Supremo!

— Fogo do Inferno, SaDiablo!

Saetan agarrou o braço de Andulvar, tentando sentar-se. — Ajuda-me. Antes que seja tarde de mais.

— Precisas de descansar — disse Andulvar.

— Não há tempo! — Saetan tentou gritar. Soou como um coxo enfurecido. — Jaenelle ainda se encontra suficientemente próxima para ser alcançada.

— *O quê?*

Quando se apercebeu, estava sentado com Andulvar a apoiá-lo e Char de joelhos à sua frente. Concentrou-se no rapaz. — Como a invocaste?

— Não sei — lamentou-se Char. — Não sei. Estava apenas a tentar manter Hekatah ocupada até chegardes. Insistia em ver Jaenelle, por isso pensei... Eu e Jaenelle costumávamos brincar às escondidas e era aquele som que costumávamos usar. Não sabia que ela iria responder, Senhor Supremo. Chamei-a várias vezes daquela forma desde que se foi embora e ela nunca respondeu.

— Até agora — disse Saetan baixinho. Porquê agora? Reparou, finalmente, que se encontrava num quarto que lhe era familiar. — Estamos na Fortaleza em Kaeleer?

— Draca insistiu em trazer-te para aqui — disse Andulvar.

A Senescal da Fortaleza tinha-lhe cedido um quarto perto dos aposentos da Rainha. O que significava que se encontrava a escassos metros do corpo de Jaenelle. Pura coincidência? Ou também sentiria Draca a presença de Jaenelle?

— Ajuda-me — sussurrou Saetan.

Andulvar praticamente carregou Saetan ao longo dos escassos metros pelo corredor até à porta onde Draca aguardava.

— Quando regressardes, beberáss um copo de sangue fresco — disse Draca.

*Se regressar*, pensou Saetan sinistramente, enquanto Andulvar o ajudava a alcançar a cama onde repousava o corpo frágil de Jaenelle. Poderia não haver outra oportunidade. Iria trazê-la de volta, caso contrário a tentativa seria a sua aniquilação.

Logo que ficou sozinho com ela, segurou-lhe a cabeça entre as mãos, extraiu até à última gota o poder que restava nas Jóias e realizou uma descida rápida ao abismo, até alcançar o nível da Negra.

\*Jaenelle!\*

Jaenelle continuou a planar lentamente em espiral, descendo cada vez mais, em direcção ao abismo. Não sabia se o estava a ignorar ou se não o conseguia ouvir.

\*Jaenelle! Criança-feiticeira!\*

As suas forças estavam a esgotar-se rapidamente. O abismo impelia a sua mente, logo transformando a pressão em dor.

\*Estás a salvo, criança-feiticeira! Volta! Estás a salvo!\*

Escapava-se cada vez para mais longe do seu alcance. Contudo, minúsculos redemoinhos de poder marulhavam até Saetan que conseguia saborear a raiva neles contida.

*Procura-me, encontra-me.* Um jogo de crianças. Durante dois anos, tinha enviado uma mensagem de amor e de segurança para as profundezas do abismo. Char tinha enviado um convite à brincadeira durante esse mesmo período.

Silêncio.

Dentro de momentos, teria de ascender ou ficaria em estilhaços.

Quiétude.

*Procura-me, encontra-me.* Não tinha ele entrado naquele jogo?

Aguardou, lutando por cada segundo. \*Criança-feiticeira.\*

Bateu contra ele sem aviso prévio. Colhido pela fúria em espiral, não conseguia perceber se estavam a ascender ou a descender.

Ouviu vidro a estilhaçar-se no mundo físico, ouviu alguém a gritar. Sentiu algo no peito, logo abaixo do coração, com força suficiente para lhe cortar a respiração.

Sem saber o que mais poderia fazer, abriu completamente as barreiras interiores, num gesto de entrega total. Esperava que Jaenelle entrasse de rompante, dilacerando-o. Ao invés, sentiu uma curiosidade sobressaltada e um toque leve como uma pena, que mal lhe tocou.

Foi então que Jaenelle o arremessou para fora do abismo.

O súbito regresso ao mundo físico deixou-o aturdido, com os sentidos atarantados. Com certeza que essa era a razão pela qual julgou ter visto um ínfimo chifre em espiral no meio da testa de Jaenelle. Era por isso que as suas orelhas pareciam delicadamente pontiagudas e que apresentava uma juba loura que parecia um cruzamento entre pêlo e cabelo humano. Era por isso que o seu coração parecia estar a bater freneticamente na mão de alguém.

Fechou os olhos, tentando vencer as tonturas. Ao voltar a abri-los, pas-

sado um momento, todas as alterações no aspecto de Jaenelle tinham desaparecido, mas no seu peito permanecia aquela estranha sensação.

Ofegante, olhou para baixo, sentindo dedos a enrolarem-se à volta do coração.

A mão de Jaenelle estava cravada no seu peito. Quando retirasse a mão, arrancar-lhe-ia o coração. Não importava. Já lhe pertencia muito antes de a conhecer. E enchia-o de uma singular sensação de orgulho, ao recordar-se da frustração e da alegria que tinha sentido ao tentar ensinar-lhe a passar um objecto sólido através de outro.

Os dedos pressionaram com mais força.

Os olhos de Jaenelle abriram-se. Eram insondáveis lagos azul-safira que nada reconheciam, que nada continham a não ser uma raiva profunda e desumana.

Pestanejou. Os olhos turvaram-se, ocultando tantas coisas. Voltou a pestanejar e olhou para Saetan. — Saetan? — disse, com a voz entorpecida.

Os olhos de Saetan encheram-se de lágrimas. — Criança-feiticeira — sussurrou enrouquecido.

Jaenelle moveu ligeiramente a mão e Saetan arquejou.

Olhou estupefacta para o peito de Saetan e franziu o sobrolho. — Oh. — Abriu os dedos devagar e retirou a mão.

Saetan esperava ver a mão de Jaenelle ensanguentada, mas estava limpa. Procedeu a uma rápida verificação interna, chegando à conclusão de que se iria sentir dorido durante alguns dias, mas Jaenelle não tinha provocado danos. Inclinou-se para a frente, apoiando a testa na dela.

— Criança-feiticeira — sussurrou.

— Saetan? Estás a chorar?

— Sim. Não. Não sei.

— Devias repousar. Estás com um ar adoentado.

Ficou extenuado por deslocar o corpo, posicionando-se junto ao dela. Quando Jaenelle se voltou e se aninhou junto a ele, abraçou-a e deixou-se ficar. — Tentei chegar a ti, criança-feiticeira — murmurou, com a face encostada à cabeça de Jaenelle.

— Eu sei — disse, sonolenta. — Por vezes, conseguia ouvir-te, mas tinha de encontrar todos os pedaços para poder reconstruir o cálice de cristal.

— Conseguiste reconstruí-lo? — perguntou Saetan, mal se atrevendo a respirar.

Jaenelle acenou com a cabeça afirmativamente. — Alguns pedaços estão turvos e ainda não encaixam na perfeição. — Fez uma pausa. — Saetan? O que aconteceu?

Foi invadido pelo pavor, não conseguindo reunir a coragem para responder de forma honesta àquela pergunta. O que faria Jaenelle se lhe dissesse o que acontecera? Se rompesse a ligação ao corpo e fugisse novamente para o abismo, Saetan não tinha a certeza se alguma vez a conseguiria vencer a voltar.

— Estavas ferida, minha querida. — Abraçou-a com mais força. — Mas vais ficar bem. Eu irei ajudar-te. Nada te pode magoar, criança-feiticeira. Tens de te lembrar disso. Aqui estás em segurança.

Jaenelle franziu o sobrolho. — Onde é aqui?

— Estamos na Fortaleza. Em Kaeleer.

— Oh. — As suas pálpebras estremeceram e fecharam-se.

Saetan apertou-lhe o ombro. Depois abanou-a. — Jaenelle? Jaenelle, não! Não me abandones. Por favor, não te vás embora.

Com esforço, Jaenelle abriu os olhos. — Ir embora? Oh, Saetan, estou tão cansada. Tenho mesmo de me ir embora?

Saetan esforçou-se por se controlar. Tinha de manter a calma para que ela se sentisse segura. — Podes ficar aqui o tempo que quiseres.

— Também ficas?

— Nunca te deixarei, criança-feiticeira. Prometo.

Jaenelle suspirou. — Devias dormir um pouco — murmurou.

Saetan ficou a ouvir a respiração profunda e regular de Jaenelle durante muito tempo. Queria abrir a mente e alcançá-la, mas não precisava de o fazer. Podia sentir a diferença no corpo que ainda segurava.

Ao invés, dirigiu-se a Andulvar. \*Ela voltou.\*

Um longo silêncio. \*Deveras?\*

\*Deveras.\* E iria necessitar da sua força para os dias que se seguiriam. \*Transmite aos outros. E diz a Draca que aceito agora a taça de sangue fresco.\*

## 5 / Kaeleer

Conduzido pelo instinto e por uma inquietação enervante, Saetan entrou sem bater no quarto de Jaenelle na Fortaleza.

Estava de pé, à frente de um grande espelho, olhando fixamente para o corpo desnudado aí reflectido.

Saetan fechou a porta e coxeou até Jaenelle. Durante o tempo que esteve separada do corpo, permanecera uma ligação suficiente que permitia que fosse alimentada e conduzida em calmos passeios que evitavam que os músculos atrofiassem. Permanecera uma ligação suficiente que permitia que o seu corpo respondesse lentamente aos seus próprios ciclos.

Habitualmente, as fêmeas dos Sangue atingiam a puberdade mais tarde do que as plebeias e os corpos das feiticeiras necessitavam ainda de mais tempo de preparação para as alterações físicas que separam uma menina de uma mulher. Inibido pela ausência, o corpo de Jaenelle só tinha começado a alterar-se após o décimo quarto aniversário. Embora o corpo se encontrasse na fase inicial de transformação, já não se assemelhava a um corpo de uma menina de doze anos.

Saetan deteve-se a uns centímetros de Jaenelle. Os olhos azul-safira encontraram os dele no espelho e Saetan teve de se esforçar para manter uma expressão indiferente.

Aqueles olhos. Límpidos e selvagens e perigosos antes de enfiar a máscara de humanidade. E era uma máscara. Não era como a dissimulação a que se dedicava em criança para manter secreto o facto de ser Feiticeira. Era um esforço deliberado para ser, simplesmente, humana. E esse facto assustava-o.

— Devia ter-te dito — disse Saetan, baixinho. — Devia ter-te preparado. Mas dormiste durante a maior parte destes últimos quatro dias e eu... — As palavras perderam-se.

— Quanto tempo? — questionou com uma voz repleta de cavernas e meia-noite.

Saetan teve de pigarrear antes de conseguir responder. — Dois anos. Na verdade, um pouco mais. Completarás quinze anos daqui a poucas semanas.

Jaenelle nada disse e Saetan não sabia como preencher o silêncio.

Foi então que se virou, encarando-o. — Queres fazer sexo com este corpo?

Sangue. Tanto sangue.

O estômago de Saetan revoltou-se. A máscara de Jaenelle diluiu-se. E, por mais que se esforçasse, não conseguia distinguir Jaenelle naqueles olhos safira.

Tinha de responder. Tinha de responder *acertadamente*.

Inspirou fundo e expirou devagar. — Agora sou o teu tutor legal. O teu pai adoptivo, se preferires. E os pais não fazem sexo com as filhas.

— Ai não? — perguntou num murmúrio da meia-noite.

O chão desapareceu debaixo dos pés de Saetan. O quarto começou a girar. Teria caído se Jaenelle não o tivesse agarrado pela cintura.

— Não uses Arte — resmungou entre dentes.

Demasiado tarde. Jaenelle já estava a encaminhá-lo, flutuando, para o sofá. Deixando-o cair no sofá, Jaenelle sentou-se a seu lado e afastou o cabelo do pescoço. — Precisas de sangue fresco.

— Não, não preciso. Estou só um pouco tonto. — Além disso, tinha

vindo a beber uma taça de sangue fresco humano duas vezes ao dia nos últimos quatro dias – quase tanto quanto o que consumia num ano.

— Precisas de sangue fresco. — Na sua voz, era perceptível uma veemência inegável.

O que precisava era encontrar o sacana que a violara e despedaçá-lo centímetro a centímetro. — Não preciso do teu sangue, criança-feiticeira.

Os olhos de Jaenelle faiscaram de raiva. Cerrou os dentes. — Não há nada de errado com o meu sangue, Senhor Supremo — silvou. — Não está impuro.

— É claro que não está impuro — ripostou Saetan.

— Então por que não aceitas a oferenda? Nunca a recusaste no passado.

Nos olhos azul-safira existiam agora nuvens e sombras. Parecia que, para ela, o preço da humanidade era a vulnerabilidade e a insegurança.

Pegando-lhe na mão, beijou-lhe os nós dos dedos e perguntou-se se lhe poderia sugerir delicadamente que vestisse um roupão, sem a ofender. *Uma coisa de cada vez, SaDiablo.* — São três as razões pelas quais não quero o teu sangue neste momento. Em primeiro lugar, enquanto não te fortaleceres, precisas de cada gota para ti própria. Em segundo lugar, o teu corpo está a mudar de criança para mulher e o vigor do sangue também muda. Por isso, é melhor testá-lo antes para que eu não beba relâmpagos líquidos.

Deu umas risadinhas abafadas.

— E em terceiro lugar, Draca também decidiu que preciso de sangue fresco.

Jaenelle arregalou os olhos. — Oh. Coitadinho do Papá. — Mordiscou o lábio. — Não faz mal chamar-te assim? — perguntou debilmente.

Abraçou-a e apertou-a junto a ele. — Ficarei honrado por me chamares “Papá”. — Passou os lábios na testa de Jaenelle. — O quarto está um pouco fresco, criança-feiticeira. Não achas melhor vestir um roupão? E calçar uns chinelos?

— Já pareces um pai — resmungou.

Saetan sorriu. — Esperei muito tempo para me dedicar a uma filha. Pretendo deliciar-me ao máximo.

— Oh, que sorte a minha — resmoneou Jaenelle.

Saetan riu-se. — Não. Que sorte a *minha*.

## 6 / Kaeleer

Saetan olhou fixamente para o tónico na pequena chávina em vidro escuro

e suspirou. A chávena ia a meio caminho dos lábios quando alguém bateu à porta.

— Entre — disse, quase demasiado avidamente.

Andulvar entrou, seguido pelo neto, Prothvar e por Mephis, o filho mais velho de Saetan. Prothvar e Mephis, tal como Andulvar, tinham-se tornado demónios-mortos no decorrer da remota guerra entre Terreille e Kaeleer. Geoffrey, o historiador/bibliotecário da Fortaleza, entrou por último.

— Prova isto — disse Saetan, estendendo a chávena a Andulvar.

— Porquê? — perguntou Andulvar, examinando-a. — Tem o quê?

Maldita prudência eyriena. — É um tónico que Jaenelle me fez. Diz que ainda tenho um ar adoentado.

— E tens — rosnou Andulvar. — Por isso, bebe.

Saetan rangeu os dentes.

— Não cheira mal — disse Prothvar, juntando ainda mais as asas quando Saetan o fulminou com o olhar.

— Também não sabe mal — afirmou Saetan, tentando ser justo.

— Então qual é o problema? — questionou Geoffrey, cruzando os braços. Franziu o sobrolho ao olhar para a chávena, com as sobranceiras negras a repercutirem crista de viúva. — Estais apreensivo por ela não ter formação suficiente para elaborar esse tipo de tónico? Credes que o elaborou incorrectamente?

Saetan ergueu uma sobranceira. — Estamos a falar de Jaenelle.

— Ah — disse Geoffrey, observando a chávena com alguma agitação. — Pois.

Saetan estendeu-a na sua direcção. — Dizei-me o que achais.

Andulvar colocou os punhos nas ancas. — Por que estás tão ansioso por partilhá-lo? Se não tem nenhum problema, por que não o bebes *tu*?

— Eu bebo. Tenho bebido. Todos os dias nas últimas duas semanas — queixou-se Saetan. — Mas é tão... potente. — A última palavra era praticamente uma súplica.

Geoffrey pegou na chávena, bebeu um golinho, envolveu o líquido com a língua e engoliu. Ao passar a chávena a Andulvar, começou a respirar com dificuldade e pôs as mãos sobre o estômago.

— Geoffrey? — Alarmado, Saetan agarrou Geoffrey pelo braço ao mesmo tempo que o Guardiã mais velho balançava.

— É para nos sentirmos assim? — arquejou Geoffrey.

— Assim? — perguntou Saetan, cautelosamente.

— Como se o estômago fosse atingido por uma avalanche.

Saetan suspirou de alívio. — Não dura muito tempo e o tónico tem, *de facto*, poderes curativos espantosos, contudo...

— A sensação inicial é um pouco perturbadora.

— Precisamente — confirmou Saetan friamente.

Andulvar observou os dois Guardiões e encolheu os ombros. Bebeu um trago, passou a chávena a Prothvar que, por sua vez, bebeu um trago, passando-a a Mephis.

Quando a chávena regressou a Saetan, continha ainda dois terços do líquido. Suspirou, bebeu um gole e pousou a chávena numa peculiar mesa vazia.

Draca bem que podia encher a mesa de bugigangas inúteis como toda a gente, pensou com azedume. Se assim fosse, poderia, pelo menos esconder o maldito tónico, uma vez que Jaenelle tinha colocado um habilidoso feitoçozinho na chávena, que impedia que a fizessem desaparecer.

— Fogo do Inferno — disse, por fim, Andulvar.

— O que é que ela coloca nisto? — perguntou Mephis, massajando o estômago.

Prothvar fitou Geoffrey. — Olha, até parece que ganhastes uma corzita.

Geoffrey fulminou o Senhor da Guerra eyrieno com o olhar.

— Qual a razão pela qual me queriam ver? — inquiriu Saetan.

Ficaram estáticos. De seguida, começaram a falar todos ao mesmo tempo.

— Sabes, SaDiablo, a fedelha...

— ... é um período difícil para uma jovem, isso eu compreendo...

— ... não nos quer ver...

— ... ficou tão tímida, de repente...

Saetan levantou a mão indicando que cessassem as explicações.

*Tudo tem um preço.* Ao olhar para eles, percebeu que tinha de lhes dizer o que tinha vindo a ser obrigado a ver durante as últimas duas semanas. *Tudo tem um preço, todavia, doces Trevas, não pagámos já o suficiente?*

— Jaenelle não está curada. — Ao ver que não obtinha qualquer reacção, perguntou-se se teria, de facto, verbalizado a frase.

— Explica-te, SaDiablo — ribombou Andulvar. — O corpo está vivo e, agora que regressou, irá fortalecer-se.

— Sim — respondeu Saetan, baixinho. — O seu corpo está vivo.

— Uma vez que, obviamente, consegue praticar mais do que Arte básica, a sua teia interior deve estar intacta — disse Geoffrey.

— A teia interior está intacta — concordou Saetan. Fogo do Inferno. Por que estava a delongar-se? Porque, uma vez que fosse, efectivamente, pronunciado, tornar-se-ia real.

Observou o reconhecimento – e a raiva – a crescerem nos olhos de Andulvar.



— O sacana que a violou conseguiu estilhaçar o cálice de cristal, não foi? — pronunciou Andulvar, devagar. — Estilhaçou-lhe a mente e foi isso que a impeliu para o Reino Distorcido. — Fez uma pausa ao mesmo tempo que examinava Saetan. — Ou foi impelida para outro lugar?

— Quem sabe o que jaz nas profundezas do abismo? — disse Saetan, com amargura. — Eu não sei. Estaria perdida na loucura ou simplesmente a caminhar por estradas que nós não conseguiremos jamais compreender? Não sei. *Sei* que é mais e é menos e está diferente do que era, e há dias em que é difícil encontrar alguma réstia da criança que conhecemos. Disse-me que voltou a reunir o cálice e, pelo que consigo perceber, assim foi. Porém, não se recorda do que aconteceu no Altar de Cassandra. Não se recorda de nada do que aconteceu nos últimos meses antes daquela noite. E está a esconder algo. E é, em parte, por isso que se está a afastar de nós. Sombras e segredos. Tem receio de confiar em nós por causa daquelas malditas sombras e segredos.

Mephis quebrou, finalmente, o longo silêncio. — Talvez — disse devagar, — se fosse persuadida a encontrar-se connosco numa das salas públicas, por uns breves minutos de cada vez, talvez fosse uma ajuda para voltar a ganhar confiança em nós. Em especial se não a pressionarmos nem lhe colocarmos questões complicadas. — Acrescentou tristemente: — Estar fechada em si própria vivendo no seu corpo será muito diferente de estar perdida no abismo?

— Não — disse Saetan baixinho. — Não é. — Era arriscado. Mãe Noite, como era arriscado! — Falarei com ela.

Andulvar, Prothvar, Mephis e Geoffrey saíram depois de acordarem encontrar-se com Saetan numa das saletas mais pequenas. Saetan aguardou vários minutos antes de percorrer os escassos metros que separavam o seu quarto dos aposentos da Rainha. Logo que Jaenelle formasse corte, nenhum macho, à excepção do Consorte, do Administrador e do Guardador, teria autorização para entrar nesta ala, a menos que fosse convocado. Nem o seu tutor legal.

Saetan bateu suavemente na porta do quarto de Jaenelle. Visto não obter qualquer resposta, espreitou para dentro do quarto. Vazio. Verificou a sala de estar adjacente. Também estava vazia.

Passando os dedos pelo cabelo, perguntou-se para onde teria ido a sua criança teimosa. Sentia que estava por perto. Mas sabia que Jaenelle deixava um odor psíquico tão forte que, por vezes, se tornava difícil localizá-la. Talvez tivesse sempre sido assim, porém, não tinham passado juntos mais do que uma hora ou duas seguidas, de cada vez. Agora, a sua presença inundava a gigantesca Fortaleza, e o delicioso e obscuro odor psíquico que exalava era, em simultâneo, um deleite e um tormento. Senti-la, ansiar do

fundo do coração abraçá-la e servi-la, e ser impedido de fazer parte da sua vida...

Não deveria existir maior tortura.

E não era só por causa de Andulvar, Mephis, Prothvar e Geoffrey que estava disposto a arriscar a estabilidade emocional de Jaenelle ao solicitar-lhe uma aproximação. Havia mais alguém, de quem os seus pensamentos raramente se afastavam, ultimamente. Se Jaenelle não sарasse emocionalmente, se jamais voltasse a suportar o toque de um homem...

Não era a chave que poderia destrancar a derradeira porta. Poderia fazer bastante, mas não isso. Não era a chave.

A chave era Daemon Sadi.

*Daemon... Daemon, onde estás? Porque não vieste?*

Saetan estava prestes a voltar atrás, para procurar Draca – Draca sabia a todo o momento onde *todos* se encontravam na Fortaleza – quando um som o fez voltar-se na direcção de uma porta entreaberta ao fundo do corredor.

Ao dirigir-se a essa porta, reparou como a sua perna tinha melhorado desde que Jaenelle lhe tinha começado a administrar o tónico. Se o seu estômago fosse suficientemente forte para aguentar mais duas semanas, poderia por a bengala de lado – e, assim esperava, fazer o mesmo ao tónico.

Estava praticamente a chegar à porta, quando alguém, lá dentro, soltou um grito rouco sobressaltado. Ouviu-se um *pop shh puf* ruidoso para, logo de seguida, sair do quarto uma nuvem alfavema, cinzenta e cor-de-rosa, seguida da resmunguice de uma voz feminina:

— Porra, porra e mais porra!

A nuvem começou a descer lentamente até ao chão.

Saetan estendeu a mão e olhou espantado para as pequenas manchas macilentas cor de alfavema, cinzentas e cor-de-rosa que lhe cobriam a pele e o punho da camisa. Sentiu um nervoso miudinho no estômago que lhe fazia cócegas e lhe transmitia uma vontade irracional de rir e de fugir.

Reprimiu a risada, prendeu um ferro mental à coluna e espreitou cautelosamente pela porta.

Jaenelle estava em frente de uma grande mesa, com os braços cruzados e o pé a bater, ao mesmo tempo que franzia o sobrolho ao livro de Arte que pairava sobre a mesa. As velas que se encontravam de cada um dos lados do livro transmitiam uma agradável luz semelhante à luz dos vitrais, suavizando o caos circundante. Toda a divisão – e o seu conteúdo, incluindo Jaenelle – estava generosamente coberta de uma poeira alfavema, cinzenta e cor-de-rosa. Somente o livro estava limpo. Talvez Jaenelle tivesse criado um escudo à sua volta antes de começar... o que quer que fosse.

— Acho que não vou querer saber o que se passa aqui — disse Saetan,

friamente, imaginando a reacção de Draca ao deparar-se com a confusão.

Jaenelle olhou-o de forma desesperada e divertida. — Não, não vais mesmo querer. — Sorriu-lhe com o seu melhor sorriso como se estivesse a entrar no jogo. — De qualquer modo, não queres ajudar?

Fogo do Inferno! Tinha ansiado por este convite durante os anos em que lhe ensinou Arte, tentando desemaranhar este género de feitiços bizarros após a sua concretização.

— Infelizmente — disse, com a voz plena de tristeza melancólica, — temos algo diferente para debater.

Jaenelle sentou-se, no ar, pousando os calcanhares no degrau inexistente de um banco imaginário, centrando em Saetan toda a sua atenção.

Saetan recordou-se, tarde demais, de como era desconcertante ser o alvo da atenção de Jaenelle.

Saetan pigarreou e olhou de relance à volta da divisão, à procura de inspiração. Afinal, talvez a oficina de Jaenelle, com as ferramentas da Arte à sua volta, fosse o melhor local para lhe falar.

Entrou na divisão e encostou-se ao vão da porta, um local neutro, sendo que não estava a invadir o território de Jaenelle mas reconhecia o direito de ali estar. — Estou preocupado, criança-feiticeira — disse serenamente.

Jaenelle inclinou a cabeça. — Com o quê?

— Contigo. Com a forma como nos evitas. Com a forma como te estás a fechar, afastando-nos.

Os seus olhos encheram-se de gelo. — Todos temos limites e barreiras interiores.

— Não estou a referir-me a limites e a barreiras interiores — disse Saetan, não conseguindo manter a voz absolutamente calma. — Claro que todos as temos. Protegem a teia interior e o Eu. Contudo, tu construístes uma *parede* entre ti própria e todos os outros, excluindo-os até do mero contacto.

— Talvez devesse estar grato pela parede, Saetan — ripostou Jaenelle com uma voz da meia-noite que enviou um calafrio de medo, fazendo Saetan estremecer.

Saetan. Não foi Papá. Saetan. E não foi pronunciado da forma como sempre dizia o seu nome. Parecia uma Rainha a dirigir-se formalmente a um Príncipe dos Senhores da Guerra.

Não sabia como responder àquelas palavras nem à advertência.

Desceu do banco invisível e virou-se de costas para Saetan, pousando as mãos na mesa empoeirada.

— Ouve-me — pediu Saetan, restando a premência que sentia. — Não podes isolar-te desta forma. Não podes passar o resto da vida nesta

oficina a criar magníficos feitiços que mais ninguém irá testemunhar. És uma Rainha. Terás de interagir com a tua corte.

— Não vou constituir corte.

Saetan olhou fixamente para ela, atónito. — É claro que vais constituir corte. És Rainha.

Retraiu-se perante o olhar que Jaenelle lhe lançou. — Não sou obrigada a constituir corte. Já fui conferir. E não quero governar. Não quero controlar a vida de mais ninguém a não ser a minha.

— Mas és Feiticeira. — No momento em que pronunciou a frase, a divisão arrefeceu repentinamente.

— Sim — disse Jaenelle, com demasiada delicadeza. — Sou. — Virou-se de frente.

Retirou a máscara de humanidade – e a máscara da carne –, deixando que Saetan a visse verdadeiramente pela primeira vez.

O ínfimo chifre em espiral no meio da testa. A juba loura que não era exactamente cabelo nem exactamente pêlo. As orelhas delicadamente pontiagudas. As mãos com as garras retraídas. As pernas que mudavam abaixo do joelho, terminando em pequenos cascos. A faixa de pêlo louro que percorria a coluna, terminando numa pequena cauda de corça e que abanava sobre as nádegas. O rosto exótico e aqueles olhos azul-safira.

Por ter sido Consorte de Cassandra durante tantos anos, julgava conhecer e compreender a Feiticeira. Percebeu, finalmente, que Cassandra e todas as outras Rainhas de Jóia Negra que a tinham antecedido, tinham sido *apelidadas* de Feiticeira. Jaenelle era, de facto, o mito vivo, os sonhos tornados realidade.

Quão tolo tinha sido ao julgar que todos os sonhadores tinham sido humanos.

— Exactamente — disse a Feiticeira, gentilmente, friamente.

— És linda — sussurrou Saetan. E tão, tão perigosa.

Jaenelle olhou perplexa para Saetan e este percebeu que não se proporia uma melhor altura para dizer o que tinha de ser dito.

— Amamos-te, Senhora — disse-lhe delicadamente. — Sempre te amámos, e sermos impedidos de fazer parte da tua vida magoa para além do que as palavras conseguem expressar. Não fazes ideia como era difícil aguardar por aqueles poucos e preciosos minutos que podias passar conosco, como era difícil imaginar e preocuparmo-nos contigo sempre que não estavas presente, sentirmos ciúmes das pessoas que não apreciavam quem tu és. Agora... — A voz embargou-se. Juntou os lábios e inspirou profundamente. — Entregámo-nos a ti há muito tempo. Nem tu consegues alterar esse facto. Faz de nós o que quiseres. — Hesitou, para depois acrescentar: — Não, criança-feiticeira, *não* estamos gratos pela parede.

Não aguardou pela resposta. Saiu tão rapidamente quanto conseguiu, com lágrimas a brilhar nos olhos.

Atrás de si, ouviu um grito suave e angustiado.

Não suportava a amabilidade. Não suportava a compaixão e a compreensão. Geoffrey tinha-lhe aquecido um copo de yarbarah. Mephis tinha-lhe colocado um cobertor sobre as pernas. Prothvar tinha atizado o lume para ajudar a afastar o frio. Andulvar mantinha-se junto a ele, em silêncio.

Tinha começado a tremer no preciso momento em que entrou na segurança da saleta. Teria caído ao chão se Andulvar não o tivesse amparado e ajudado a chegar à cadeira. Não tinham colocado qualquer questão e, à exceção de um murmúrio roufenho, — Não sei —, nada lhes tinha contado sobre o que tinha acontecido – ou sobre o que tinha presenciado.

E todos aceitaram.

Passada uma hora, embora se sentisse ligeiramente recuperado física e emocionalmente, ainda não conseguia suportar a amabilidade. Mas o que não conseguia suportar de todo era a ignorância sobre o que se estava a passar naquela oficina.

A porta da saleta abriu-se repentinamente.

Jaenelle ficou parada na soleira, segurando um tabuleiro que transportava duas pequenas garrafas e cinco copos. Todas as máscaras estavam repostas.

— Draca disse que estavam todos aqui escondidos — disse, na defensiva.

— Não nos estamos exactamente a ‘esconder’, criança-feiticeira — respondeu Saetan, pungente. — Mas se estivermos, há espaço para mais um. Queres juntar-te a nós?

O sorriso de Jaenelle era tímido e vacilante, mas as suas impetuosas pernas atravessaram agilmente a sala até se encontrar ao lado da cadeira de Saetan. Foi então que franziu o sobrolho, virando-se para a porta. — Esta divisão era maior.

— As tuas pernas eram mais curtas.

— Então é por isso que as escadas parecem tão maljeitosas — resmoneou, ao mesmo tempo que enchia dois copos de uma das garrafas e três da outra.

Saetan fixou os olhos no copo que Jaenelle lhe ofereceu, sentindo o estômago a retraindo-se.

— Hmm — emitiu Prothvar, enquanto Jaenelle distribuía os outros copos.

— Bebam — disse rispidamente. — Ultimamente andam todos com

um ar adoentado. Ao ver que hesitavam, a sua voz ganhou um tom de fragilidade. — É só um tónico.

Andulvar bebeu um gole.

Benditas as Trevas pela solicitude eyriena em avançar para todo e qualquer campo de batalha, pensou Saetan ao beber, também ele, um gole.

— Que quantidade produzes de cada vez, fedelha? — ribombou Andulvar.

— Porquê? — perguntou Jaenelle circunspectamente.

— Sabes, tens razão quando dizes que estamos todos com um ar adoentado. Não faria mal se tomássemos outro copo, mais tarde.

Saetan começou a tossir como forma de esconder o seu próprio desânimo e para ganhar tempo para que os outros conseguissem disciplinar as expressões. Uma coisa era Andulvar avançar para o campo de batalha. Outra bem diferente era arrastá-los a todos.

Jaenelle afofou o cabelo. — Começa a perder as capacidades uma hora após ter sido produzido, mas não me dará trabalho nenhum fazer mais.

Andulvar acenou com a cabeça, mantendo uma expressão séria. — Obrigado.

Jaenelle sorriu timidamente e saiu da saleta.

Saetan aguardou até se assegurar de que já não os ouviria e virou-se para Andulvar. — Sacana sem escrúpulos — rosnou.

— Que grande palavrão para um homem que vai ter de beber dois copos desta coisa, diariamente — retrucou Andulvar, pretensiosamente.

— Podemos sempre deitá-lo nas plantas — disse Prothvar, olhando à sua volta, à procura de verduras.

— Já tentei — resmungou Saetan. — O único comentário de Draca foi que se mais alguma planta viesse a sofrer tal falecimento, pediria a Jaenelle que investigasse.

Andulvar soltou um riso abafado, o que proporcionou aos outros uma razão para se voltarem contra ele. — Todos esperam que os hayllianos sejam dissimulados, contudo os eyrienos são conhecidos pelos seus procedimentos francos. Por isso, quando um de nós age de forma dissimulada...

— Fizeste isso para que ela tivesse uma razão para se encontrar connosco — disse Mephis, examinando o copo. — Agradeço-te por isso, Andulvar, mas não podias...

Saetan ergueu-se de um salto. — Perde as capacidades após uma hora.

Andulvar ergueu o copo numa saudação. — Isso mesmo.

Saetan sorriu. — Se conseguirmos deixar metade de cada dose, perderá grande parte do vigor e depois misturamo-la com a nova dose...

— E teremos um tónico fortificante com um vigor tolerável — concluiu Geoffrey, com um ar satisfeito.

— Se descobre, mata-nos — protestou Prothvar.

Saetan levantou uma sobrancelha. — Se tivermos todos os factores em consideração, meu bom demónio, é um pouco tarde para nos preocuparmos com *isso*, não achas?

Prothvar quase corou.

Saetan semicerrou os olhos, dirigindo-se a Andulvar. — Contudo, só soubemos que perde as capacidades *depois* de teres pedido uma segunda dose.

Andulvar encolheu os ombros. — A maioria das infusões medicinais tem de ser tomada pouco depois de ser produzida. Valeu a pena arriscar. — Sorriu para Saetan com a arrogância só possível num macho eyrieno. — Seja como for, se admites que não tens tomates para...

Saetan proferiu algo conciso e pertinente.

— Sendo assim, não há qualquer problema, pois não? — respondeu Andulvar.

Entreolharam-se, séculos de amizade, rivalidade e compreensão reflectidas nos dois pares de olhos dourados. Levantaram os copos e esperaram que os outros os imitassem.

— À saúde de Jaenelle — pronunciou Saetan.

— À saúde de Jaenelle — responderam os outros.

Suspiraram em uníssono e engoliram metade do tónico.

## 7 / Kaeleer

Não inteiramente satisfeito, Saetan observava as luzes de Riada, a maior cidade dos Sangue em Ebon Rih e a que se encontrava mais perto da Fortaleza, que brilhavam na escuridão fértil do vale como fragmentos aprisionados da luz das estrelas.

Hoje tinha assistido ao nascer do sol. Não, mais do que isso. Tinha permanecido num dos pequenos jardins, sentindo efectivamente o calor do sol no rosto. Pela primeira vez ao longo tantos séculos que nem se iria dar ao trabalho de contar, não sentia qualquer dor lancinante nas têmporas, não sentia uma dor de cabeça com uma tal brutalidade que lhe revirava o estômago como forma de o lembrar da distância a que estava dos vivos, não sentia um enfraquecimento das forças.

Estava tão forte fisicamente como na altura em que se tornou Guardião, quando iniciou a caminhada na ténue linha que separa os vivos dos mortos.



Jaenelle e o seu tónico tinham conseguido esse feito. Tinham conseguido ainda mais.

Esquecera-se quão sensual a comida podia ser e, nos últimos dias, saboreara o gosto da carne de vaca mal passada e de batatas novas, de frango assado e de legumes frescos. Esquecera-se como sabia bem dormir, ao invés daquele descanso semivigilante ao qual os Guardiões normalmente se entregam durante o dia.

Também se esquecera como era sentir fome e como um homem pode ficar com a mente toldada quando se encontra extremamente cansado.

Tudo tem um preço.

Cassandra juntou-se a Saetan à janela, que sorriu circunspectamente. — Hoje estás encantadora — disse, com um pequeno gesto que abarcava o longo vestido preto, o xaile cor de esmeralda em malha aberta e a forma como tinha penteado o cabelo ruivo envelhecido.

— É uma pena que a Harpia não se tenha vestido de acordo com as circunstâncias — respondeu Cassandra causticamente. Torceu o nariz. — Ao menos podia ter posto algo à volta do pescoço.

— E tu podias ter evitado dizer que lhe poderias emprestar um vestido de gola alta — ripostou Saetan. Cerrou os dentes para não deixar sair as palavras que restavam. Titian não necessitava de um defensor, especialmente depois da detracção que proferiu relativa às sensibilidades delicadas das feiticeiras afectadas da aristocracia.

Observou as luzes de Riada a extinguirem-se, uma após outra.

Cassandra respirou fundo, suspirando. — Não deveria acontecer desta forma — disse serenamente. — As Negras não estão destinadas a ser Jóias de Direito por Progenitura. Tornei-me Guardiã pois acreditava que a Feiticeira que se seguisse necessitaria de uma amiga, alguém para a ajudar a compreender naquilo em que se tornaria depois de realizar a Dádiva às Trevas. Contudo, o que aconteceu a Jaenelle alterou-a de tal forma que nunca mais será normal.

— *Normal?* E o que é “normal” para ti, Senhora?

Olhou com um ar mordaz para o canto da divisão onde Andulvar, Prothvar, Mephis e Geoffrey tentavam incluir Titian na conversa, mantendo, em simultâneo, uma distância respeitosa.

— Jaenelle acabou de celebrar o seu décimo quinto aniversário. Em vez de uma festa e de uma sala cheia de jovens amigos, passou o serão com demónios, Guardiões – e uma Harpia. Podes, sinceramente, dizer que é normal?

— Já tive esta conversa — resmungou Saetan. — E a minha resposta não se alterou: para ela, é normal.

Cassandra examinou-o por uns instantes antes de dizer baixinho: — Sim, terias de ver dessa forma, não é verdade?



Saetan vislumbrou a sala através de uma neblina avermelhada até conseguir recuperar a calma. — O que queres dizer com isso?

— Tornaste-te Senhor Supremo do Inferno ainda em vida. Não verias qualquer problema no facto de ter como companheiros de brincadeiras as *cildru dyathe* ou ser uma Harpia a ensinar-lhe a interagir com os machos.

A respiração de Saetan produzia um assobio ao passar através dos dentes. — Quando previste a sua chegada, disseste que era a filha da minha alma. Porém, não passavam de palavras, não é verdade? Foi uma forma de garantir que me tornaria Guardiã para que o meu poder estivesse à tua disposição para proteger a tua aprendiz, a jovem feiticeira que se sentaria a teus pés, intimidada pela atenção da Feiticeira de Jóia Negra. Mas não foi isso que aconteceu. Aquela que chegou é, de facto, a filha da minha alma que não se sente intimidada por ninguém nem se senta aos pés seja de quem for.

— Pode não se sentir intimidada por ninguém — disse Cassandra friamente, — mas também *não tem* ninguém. — A sua voz ganhou um tom mais suave. — E por isso, tenho pena por ela.

*Tem-me a mim!*

O rápido e arguto olhar de Cassandra cortou-lhe o coração.

Jaenelle tinha-o a ele. O Príncipe das Trevas. O Senhor Supremo do Inferno. Acima de qualquer outra razão, era por *isso* que Cassandra sentia pena dela.

— Devemos juntar-nos aos outros — disse Saetan, tenso, oferecendo o braço a Cassandra. Apesar da raiva que sentia, não podia virar-lhe as costas.

Cassandra começou por rejeitar aquele gesto de cortesia até reparar nos olhares frios de Andulvar e de Titian.

— Draca quer falar-nos, a todos — resmoneou Andulvar quando se aproximaram. Afastou-se de imediato, oferecendo a si próprio espaço para esticar as asas. Espaço para lutar.

Saetan observou-o por uns momentos para depois iniciar, também ele, o reforço das suas consideráveis defesas. Pese embora as inúmeras diferenças entre os dois, Saetan sempre respeitara os instintos de Andulvar.

Draca entrou na sala devagar e calmamente. Como era habitual, tinha as mãos enfiadas nas mangas compridas das vestes. Aguardou que se sentassem, aguardou até ter todas as atenções centradas em si, para depois fixar o olhar reptilíneo em Saetan.

— A Ssenhora comemora hoje quinze anoss — afirmou Draca.

— É verdade — anuiu Saetan, cautelosamente.

— Ass nossass ssimpless ofertass foram do sseu agrado.

Por vezes era difícil detectar inflexões na voz sibilante de Draca, con-

tudo as palavras soavam mais a uma ordem do que a uma pergunta. — Sim — disse Saetan. — Julgo que sim.

Um longo silêncio. — Está na altura da Ssenhora deixar a Fortaleza. Ssoiss o sseu tutor legal. Tratareiss doss preparativoss.

Saetan sentiu um aperto na garganta. Sentiu os músculos do peito a contraírem-se. — Prometi-lhe que poderia ficar aqui.

— Está na altura da Ssenhora partir. Viverá convossoco no Paço doss SsaDiablo.

— Proponho uma alternativa — disse Cassandra, rapidamente, cerrando os punhos no regaço e não olhando para Saetan, nem sequer de relance. — Jaenelle poderia viver comigo. Todos sabemos quem — e o que — Saetan é, mas eu...

Titian virou-se na cadeira. — Acreditais deveras que ninguém no Reino das Sombras sabe que sois Guardiã? Acreditais deveras que conseguistes enganar alguém quando vos fizestes passar por viva?

Os olhos de Cassandra flamejaram de raiva. — Sempre fui cuidadosa...

— Sempre fostes uma mentirosa. Pelo menos o Senhor Supremo é honesto sobre quem é.

— Mas ele é o Senhor Supremo — e essa é a questão.

— A *questão* é que quereis ser vós a moldar Jaenelle tal como Hekatah a quer moldar, moldá-la à imagem escolhida por vós em vez de a deixardes ser quem é.

— Como vos atreveis a falar-me assim? Sou uma Rainha de Jóia Negra!

— Não sois minha Rainha — rosnou Titian.

— *Senhoras*. — A voz de Saetan ribombou pela sala como um suave trovão. Necessitou de um momento para se acalmar antes de centrar de novo a atenção em Draca.

— Viverá no Paço — declarou Draca, com firmeza. — Está decidido.

— Uma vez que não discutiste este assunto com nenhum de nós até agora, de quem foi a decisão? — questionou Cassandra ríspidamente.

— Foi Lorn que decidiu.

Saetan esqueceu-se como respirar.

Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas.

Ninguém argumentou. Ninguém produziu o mais pequeno som.

Saetan apercebeu-se de que tinha as mãos a tremer. — Poderei falar com ele? Há coisas que poderá não compreender em relação a...

— Compreende, Ssenhor Ssupremo.

Saetan levantou o olhar para a Senescal de Ebon Askavi.

— Não chegou o momento indicado para o conhecerdes — disse Draca. — Mas esse momento chegará. — Inclinou ligeiramente a cabeça. Era a maior deferência que demonstrava a alguém. Talvez à exceção de Jaenelle.

Ficaram a vê-la sair, escutando os passos lentos e cautelosos até que o som se desvaneceu por completo.

Andulvar expirou ruidosamente. — Quando quer cortar as pernas a alguém, fá-lo de forma impressionante.

Saetan encostou a cabeça à cadeira, fechando os olhos. — De facto.

Cassandra ajeitou o xaile minuciosamente e levantou-se, sem olhar para nenhum dos presentes. — Se me dão licença, vou recolher-me.

Ergueram-se e desejaram-lhe as boas-noites.

Titian também informou que se ia recolher, mas antes de o fazer sorriu maliciosamente a Saetan. — Viver no Paço com Jaenelle talvez se revele complicado, Senhor Supremo, mas não pelas razões que julgais.

— Mãe Noite — proferiu entre dentes, antes de se voltar para os outros homens.

Mephis pigarreou. — Não vai ser fácil comunicar à fedelha de que terá de se ir embora. Não tens de o fazer sozinho.

— Tenho sim, Mephis — respondeu Saetan penosamente. — Fiz-lhe uma promessa. Devo ser eu a dizer-lhe que a vou quebrar.

Deu as boas noites e caminhou lentamente pelos corredores em pedra até chegar às escadas que o levariam aos aposentos de Jaenelle. Ao invés de subir, apoiou-se à parede, a tiritar.

Tinha-lhe prometido que poderia ficar. Tinha *prometido*.

Todavia, Lorn decidira.

Já a meia-noite ia longe quando se juntou a Jaenelle no jardim privado dos seus aposentos. Dirigiu-lhe um sorriso ensonado e descontraído e estendeu a mão. Grato, entrelaçou os dedos nos dela.

— Foi uma festa encantadora — disse Jaenelle enquanto passeavam pelo jardim. — Ainda bem que convidaste o Char e a Titian. — Hesitou. — É lamento que tenha sido tão difícil para Cassandra.

Saetan olhou-a pensativamente, semicerrando os olhos.

Jaenelle corroborou o olhar com um encolher de ombros.

— O que foi que ouviste?

— É falta de educação ouvir conversas às escondidas — respondeu com um ar pedante.

— Uma resposta que se esquiva habilmente à pergunta — retorquiu, sarcasticamente.

— Não ouvi nada. Mas *senti* que estavam todos a resmungar.

Saetan chegou-se mais perto de Jaenelle. Cheirava a flores selvagens e a prados banhados pelo sol e a poças de água à sombra de fetos. Era uma fragrância delicadamente selvagem e esquiva, que fascinava os machos pois não os tentava capturar.

Descontraía-o – e excitava-o ligeiramente.

Embora tivesse consciência de que era a reacção natural de um Príncipe dos Senhores da Guerra perante a Rainha à qual se sentia emocionalmente ligado, embora tivesse consciência de que nunca transporia a clara linha que separava a afeição de um pai da paixão de um amante, ainda assim sentiu-se envergonhado pela reacção.

Olhou para Jaenelle, necessitando da lembrança acutilante de quem ela era e de como era jovem. Contudo, foi a Feiticeira que lhe retribuiu o olhar, foi a Feiticeira que lhe apertou a mão para que não quebrasse a ligação física.

— Parece que até um homem sensato pode, por vezes, ser imponderado — declarou com a voz da meia-noite.

— Eu nunca... — A voz falhou. — Sabes que eu nunca...

Vislumbrou um tremeluzir de diversão naqueles olhos vetustos e perturbados.

— Sim, *eu* sei. E saberás tu? Veneras as mulheres, Saetan. Sempre assim foi. Gostas de estar junto a elas. Gostas de lhes tocar. — Ergueu as mãos dos dois.

— É diferente. És minha filha.

— Assim sendo, manterás distância da Feiticeira? — perguntou, com tristeza.

Saetan puxou-a para os seus braços e abraçou-a tão fortemente que a levou a soltar um guincho ofegante. — Nunca — disse com veemência.

— Papá? — chamou Jaenelle debilmente. — Papá, não consigo respirar.

De imediato, afrouxou o abraço, mas não a largou.

O jardim foi invadido por suaves sons nocturnos. A brisa primaveril suspirou.

— Este teu estado de espírito tem algo a ver com Cassandra, não tem? — perguntou Jaenelle.

— Em parte. — Pousou a face na cabeça de Jaenelle. — Temos de deixar a Fortaleza.

O corpo de Jaenelle ficou de tal forma tenso que o de Saetan reagiu de forma dolorosa.

— Porquê? — perguntou, por fim, inclinando-se o suficiente para trás de forma a conseguir olhar para o rosto de Saetan.

— Porque Lorn decidiu que temos de viver no Paço.

— Oh. — Acrescentou de seguida: — Não admira que estejas sorumbático.

Saetan riu-se. — Pois é. Bem, tem habilidade para limitar as opções de cada um. — Afastou-lhe o cabelo do rosto, delicadamente. — Quero viver contigo no Paço. Quero muito. Porém, se desejares viver noutra sítio ou se estiveres reticente em sair da Fortaleza nesta altura, lutarei com unhas e dentes.

Arregalou os olhos desmesuradamente. — Ai, ai. Não creio que seja uma boa ideia, Saetan. É *muito* maior do que tu.

Saetan tentou engolir, em vão. — Ainda assim, lutarei com ele.

— Ai, ai. — Respirou fundo. — Vamos tentar viver no Paço.

— Agradeço-te, criança-feiticeira — disse, sem forças.

Jaenelle pôs um braço à volta da cintura de Saetan. — Parece que tens as pernas bambas.

— Então parece que estou melhor do que me sinto — disse, passando o braço por cima dos ombros de Jaenelle. — Anda, feiticeirazinha. Os dias que se acercam vão ser agitados, por isso precisamos ambos de descansar.

## 8 / Kaeleer

Saetan abriu a porta da frente do Paço dos SaDiablo, desembocando num caos orquestrado.

Criadas esvoaçavam em todas as direcções. Criados transportavam móveis de uma divisão para outra com um objectivo insondável. Entravam e saíam jardineiros carregados de flores acabadas de colher.

No centro do salão, com uma *extensa* lista numa mão ao mesmo tempo que orientava as várias pessoas e os variados volumes para os devidos lugares com a outra, estava Beale, o seu mordomo de Jóia Vermelha.

Algo perplexo, Saetan dirigiu-se a Beale, na esperança de obter uma explicação. Depois de ter dado meia dúzia de passos, percebeu que um obstáculo ambulante não fora tido em conta nesta dança frenética. Criadas esbarraram contra ele, mal alterando a expressão aborrecida ao reconhecerem o patrão e proferindo um “Perdão, Senhor Supremo” que roçava a grosseria.

Quando, por fim, conseguiu chegar junto de Beale, espicçou-lhe o ombro.

Beale olhou de relance para trás, reparou na expressão glacial de Saetan e baixou os braços. Ouviu-se, de imediato, um ruído surdo e uma criada começou a queixar-se: — Ora, vejam lá isto!

Beale pigarreou, puxou o colete para baixo, sobre a faixa, e aguardou,

um mordomo ligeiramente enrubescido mas novamente imperturbável.

— Diz-me, Beale — trauteou Saetan, — sabes quem sou?

Beale pestanejou. — Sois o Senhor Supremo, Senhor Supremo.

— Ah, bom. Uma vez que me reconheces, devo ainda ter forma humana.

— Senhor Supremo?

— Não me assemelho a um candeeiro de pé, por exemplo, por isso ninguém irá tentar meter-me num canto e enfiar-me duas velas nas orelhas. E não me parece que possa ser confundido com uma peculiar mesa animada que alguém possa prender a uma cadeira para que não deambule para muito longe.

Beale parecia estar a ficar em pânico, mas rapidamente se recompôs. — Não, Senhor Supremo. Tendes exactamente a mesma aparência que tínheis ontem.

Saetan cruzou os braços e levou algum tempo a ponderar a situação. — Achas que, se for para o meu gabinete e se aí permanecer, talvez consiga evitar ser desempoeirado, polido ou redecorado?

— Mas é claro, Senhor Supremo. O vosso gabinete foi limpo hoje de manhã.

— Irei reconhecê-lo? — murmurou Saetan. Refugiou-se no gabinete e suspirou de alívio. A mobília era a mesma e estava disposta da mesma forma.

Despiu o casaco preto, ao estilo de uma túnica, mandou-o para as costas de uma cadeira e, sentando-se na cadeira em pele por detrás da secretária, arregaçou as mangas da camisa branca em seda. Contemplou a porta fechada do gabinete e abanou a cabeça, mas os seus olhos apresentavam agora um tom dourado e cálido e o seu sorriso era de compreensão. Afinal, fora ele próprio o promotor desta situação ao informá-los antecipadamente.

Amanhã, Jaenelle chegava a casa.